



REDE GLOBO



CARLITO MAIA

SOLITÁRIOS DE TODO
O MUNDO, UNI-VOS

PARA MÁRIO SCHEMBERG,
MATEADOR DE TOMAS AL
HOMENEGUS, OS BEIJADOS
E ABRAÇOS DO **Carlito**.
27.9.88

PARTO À PROCURA DO
IMPOSSÍVEL. VAMOS VER
SE O ENCONTRO.

(ANTONIN ARTAUD)

Uma vida
não é nada,
com coragem
pode ser muito.

**As
utopias
estão
à solta
por aí**

Utopia — luminosa rebelião,
outrora

 pensei-te fuga,
 alienação,
de repente, descobro
teu poder de combustão.

Affonso Romano de Sant'Anna
in Catedral de Colônia

O que há de mais importante na literatura, sabe
é a aproximação, a comunhão que ela estabelece entre
seres humanos, mesmo à distância, mesmo entre mortos e vivos.

O tempo não conta para isso. Somos contemporâneos
de Shakespeare e de Virgílio. Somos amigos pessoais deles.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Tempo Vida Poesia
confissões no rádio

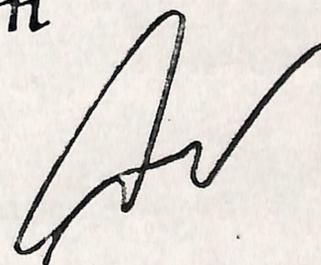
Editora Record

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

ÉRICO VERÍSSIMO (Solo de Clarineta)

“A vós, especialistas em comunicação, o meu pedido: não acorrenteis a alma das massas com o poder que tendes, filtrando as informações, promovendo exclusivamente a sociedade da abundância, acessível apenas a uma minoria. Fazei-vos antes os porta-vozes do Homem, de suas legítimas exigências e de sua dignidade. Sede instrumentos de justiça, de verdade e de amor. Defender o que é humano é permitir ao Homem o acesso à plena verdade”. *(Do último discurso de João Paulo II no Brasil)*

ABA
Natal de 1980.



A Autobiografia de Bertrand Russell, Prólogo

PARA QUE VIVI

Três paixões, simples mas avassaladoras, me dominaram a vida: o desejo de amor, a busca do saber e a insuportável piedade pelo sofrimento humano. Três paixões, como vendavais, me lançaram aqui e ali, em rumo desordenado, sobre as profundezas de um mar de angústia beirando o desespero.

Busquei o amor, primeiro, por trazer consigo o êxtase - êxtase tão imenso que, muitas vezes, teria de bom grado sacrificado todo o resto de meus dias por algumas horas de felicidade. Busquei-o depois para alívio da solidão - a terrível solidão na qual uma trêmula consciência vê, dos confins do mundo, o frio, imponderável e inerme abismo. Busquei-o, enfim, porque, na união do amor vislumbrei, em mística miniatura, um esboçar da visão do paraíso imaginada por santos e poetas. Foi o que busquei e, embora talvez pareça bom demais para um ser humano, foi - finalmente - o que encontrei.

Com idêntica paixão, busquei o saber. Quis entender os corações dos homens. Quis saber por que brilham as estrelas. E tentei captar o significado da potência pitagórica na qual o número sobrepuja o fluxo. Disso, um pouco, mas não muito, consegui. Amor e saber, no que me foi possível, elevaram-me aos céus. Mas, sempre, tristeza e pena traziam-me de volta à terra. Ecos dos gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas pelo opressor, velhos indefesos - cargas odiadas pelos filhos - e todo um mundo de solidão, pobreza e dor, caricatura do que deveria ser a vida humana. Desejo aliviar o mal mas não consigo, e também eu sofro. Foi essa minha vida. Valeu a pena vivê-la e a viveria novamente, se me fosse dada a oportunidade.

AOS QUE VÃO NASCER
Bertolt Brecht
(traduzido por Geir Campos)

1.
Realmente, eu vivo num tempo sombrio.
A inocente palavra é um despropósito. Uma fronte sem ruga
denota insensibilidade. Quem está rindo
é só porque não recebeu ainda
a notícia terrível.

Que tempo é este em que
uma conversa sobre árvores chega a ser uma falta,
pois implica em silenciar sobre tantos crimes?
Esse que vai cruzando a rua, calmamente,
então já não está ao alcance dos amigos
necessitados?

É verdade: ainda ganho o meu sustento.
Porém, acreditai-me: é puro acaso. Nada
do que faço me dá direito a isso, de comer e fartar-me.
Por acaso me poupam. (Se minha sorte acaba,
estou perdido.)

Dizem-me: Vai comendo e vai bebendo! Alegra-te com o que tens!
Mas como hei de comer e beber, se
o que eu como é tirado a quem tem fome, e
meu copo d'água falta a quem tem sede?
Contudo eu como e bebo.

Eu gostaria bem de ser um sábio.
Nos velhos livros consta o que é sabedoria:
manter-se longe das lidas do mundo e o tempo breve
deixar correr sem medo.
Também saber passar sem violência,
pagar o mal com o bem,
os próprios desejos não realizar e sim esquecer,
conta-se como sabedoria.
Não posso nada disso:
realmente, eu vivo num tempo sombrio!

2.
Às cidades cheguei em tempo de desordem,
com a fome imperando.
Junto aos homens cheguei em tempo de tumulto
e me rebelei com eles.
Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

... /

Minha comida mastiguei entre refregas.
Para dormir deitei-me entre assassinos.
O amor eu exercia sem cuidado
e olhava sem paciência a natureza.
Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

As ruas do meu tempo iam dar no atoleiro.
A fala denunciava-me ao carrasco.
Bem pouco podia eu, mas os mandões
sem mim sentiam-se mais garantidos, eu esperava.
Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

Minguadas eram as forças. E a meta
ficava a grande distância:
Claramente visível, conquanto para mim
difícil de alcançar.
Assim passou-se o tempo
que sobre a terra me foi concedido.

3.
Vós, que víreis na crista da maré
em que nos afogamos,
pensai,
quando falardes em nossas fraquezas,
também no tempo sombrio
a que escapastes.

Vínhamos nós então mudando de país mais do que de sapatos,
em meio às lutas de classes, desesperados,
enquanto apenas injustiça havia e revolta nenhuma.

E entretanto sabíamos:
também o ódio à baixeza
endurece as feições,
também a raiva contra a injustiça
torna mais rouca a voz. Ah, e nós,
que pretendíamos preparar o terreno para a amizade,
nem bons amigos nós mesmos pudemos ser.
Mas vós, quando chegar a ocasião
de ser o homem um parceiro para o homem,
pensai em nós
com simpatia.

O Mundo como Poderia Ser

No dia-a-dia da maioria de homens e mulheres, o medo desempenha papel maior que a esperança; eles estão muito mais preocupados com o que outros podem tirar de seu do que desfrutando a alegria que poderiam criar em suas próprias vidas e nas vidas daqueles que venham a encontrar.

Não é assim que deveria ser a existência.

Aqueles cujas vidas são proveitosas para si mesmos, para seus amigos, ou para o mundo, são inspirados pela esperança e mantidos pela alegria: vêem na imaginação as coisas como poderiam ser e o modo pelo qual poderiam vir a ser reais. Em suas relações particulares, não se sentem angustiados, temerosos de que venham a perder o afeto e respeito que recebem: ocupam-se em dar afeto e respeito gratuitamente, e a recompensa vem por si mesma, sem ser procurada. Em seu trabalho, não estão perseguidos por ciúmes de concorrentes, mas interessados na coisa concreta a ser feita. Em política, não perdem tempo e ardor defendendo privilégios iníquos de sua classe ou nação, mas têm em mira tornar todo o mundo mais feliz, menos cruel, menos cheio de conflito entre mesquinhas rivais, e mais pleno de seres humanos cuja evolução não foi impedida ou atrofiada pela opressão.

Uma existência vivida nesse espírito - o espírito que tem por alvo mais criar que possuir - possui certa felicidade fundamental, da qual não pode ser inteiramente destituída por circunstâncias adversas. Esse é o modo de vida recomendado nos Evangelhos, e por todos os grandes mestres do mundo. Aqueles que o encontram estão isentos da tirania do medo, visto que aquilo a que dão o maior valor em suas vidas não está a mercê de poder externo.

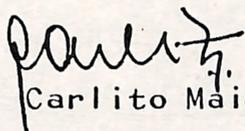
Se todos os homens pudessem reunir a coragem e a visão para viver desse modo, a despeito de obstáculos e desestímulos, não haveria necessidade alguma de regeneração do mundo por meio de reforma política ou econômica: tudo o que é necessário à guisa de reforma viria automaticamente, sem resistência, pela regeneração moral de indivíduos. Mas o ensino de Cristo tem sido nominalmente aceito pelo mundo através dos séculos, e no entanto aqueles que o seguem são ainda perseguidos como eram antes do tempo de Constantino. A experiência demonstrou que

poucos são capazes de discernir nos males manifestos de uma vida de proscrito o gozo íntimo que vem da fé e da esperança criativa. Se o domínio do medo deve ser superado, não basta, quanto à massa de homens, pregar destemor e indiferença à desgraça: é necessário afastar as causas do medo, fazer com que a noção de vida boa não seja isenta de certo êxito no sentido mundano, e diminuir o mal que pode ser inflingido àqueles que não são pugnazes em defesa própria.

O mundo que devemos almejar é aquele em que o espírito criativo esteja vivo, em que a vida seja uma aventura plena de alegria e esperança, baseada mais no impulso a construir do que no desejo de reter o que possuímos e tomar o que é possuído por outros. Deve ser um mundo em que o afeto reine soberanamente, em que o amor seja expurgado do instinto de dominação, em que a crueldade e a cobiça tenham sido dissipadas pela felicidade e o livre desenvolvimento de todos os instintos que edificam a vida e a enchem de prazeres espirituais. Tal mundo é possível; espera apenas por homens que desejem criá-lo.

Por enquanto, o mundo em que existimos tem outros alvos. Mas ele perecerá, incendiado na fogueira de suas próprias paixões; e de suas cinzas renascerá um novo mundo e mais jovem, pleno de novas esperanças, com a luz da manhã em seus olhos.

Bertrand Russell, "Caminhos para a Liberdade", Zahar Editores


Carlito Maia

O POVO

Há no mundo uma raça de homens com instintos sagrados e luminosos, com divinas bondades do coração, com uma inteligência serena e lúcida, com dedicações profundas, cheias de amor pelo trabalho e de adoração pelo bem, que sofrem, que se lamentam em vão.

Estes homens, são o Povo.

Estes homens estão sob o peso de calor e de sol, transidos pelas chuvas, roídos de frio, descalços, mal nutridos; lavram a terra, revolvem-na, gastam a sua vida, a sua força, para criar o pão, o alimento de todos.

Estes são o Povo, e são os que nos alimentam.

Estes homens vivem nas fábricas, pálidos, doentes, sem família, sem doces noites, sem um olhar amigo que os console, sem ter o repouso do corpo e a expansão da alma, e fabricam o linho, o pano, a seda, os estofos.

Estes Homens são o Povo, e são os que nos vestem.

Estes homens vivem debaixo das minas, sem o sol e as doçuras consoladoras da Natureza, respiram mal, comendo pouco, sempre na véspera da morte, rotos, sujos, curvados, e extraem o metal, o minério, o cobre, o ferro, e toda a matéria das indústrias.

Estes homens são o Povo, e são os que nos enriquecem.

Estes homens, nos tempos de lutas e de crises, tomam as velhas armas da Pátria, e vão, dormindo mal, com marchas terríveis, à neve, à chuva, ao frio, nos calores pesados, combater e morrer longe dos filhos e das mães, sem ventura, esquecidos, para que nós conservemos o nosso descanso opulento.

Estes homens são o Povo, e são os que nos defendem.

Estes homens formam as equipagens dos navios, são lenhadores, guardadores de gado, servos mal retribuídos e desprezados.

Estes homens, são os que nos servem.

E o mundo oficial, opulento, soberano, o que faz a estes homens que o vestem, que o alimentam, que o enriquecem, que o defendem, que o servem?

Primeiro, despreza-os, não pensa neles, não vela por eles, trata-os como se tratam os bois; deixa-lhes apenas uma pequena porção dos seus trabalhos dolorosos; não lhes melhora a sorte, cerca-os de obstáculos e de dificuldades; forma-lhes em redor uma servidão que os prende a uma miséria que os esmaga; não lhes dá protecção; e, terrível coisa, não os instrui: deixa-lhes morrer a alma.

É por isso que os que têm coração e alma, e amam a justiça, devem lutar e combater pelo Povo.

E ainda que não sejam escutados têm na amizade dele uma consolação suprema.

EÇA DE QUEIROZ

JOSÉ MARIO RODRIGUES

Respiração do absoluto ou ar da solidão

 Editora
COMUNICARTE
Produção Artística

Imortais da infâmia

Não morrem nunca
os que apontam armas
para se manterem no poder.

Não morrem nunca
esses aduladores
que bordam as estrelas
dos futuros dominadores.

Não morrem nunca
os que se acostumam com a miséria
que se ramifica
nem os causadores da miséria
nem os que semeiam a insegurança no mundo.

São todos eternos
Imortais da infâmia.

DEMOCRACIA

A democracia não é uma palavra vã: o que tem sido é uma palavra mal compreendida.

Filha das revoluções, a democracia não é contudo a anarquia; é, pelo contrário, a ordem e o direito. Saída dum impulso de nivelamento, ela não é todavia a espoliação, mas sim a igualdade rigorosa e a justiça distributiva aplicadas ao trabalho dos homens e à sua retribuição. Erguendo-se, enfim, em nome da reivindicação natural contra as velhas legislações opressoras, a democracia não vem abolir a lei, mas reformá-la segundo um modelo ideal de verdade e de razão.

Como a definiremos?

É a igualdade social e económica, tendo por instrumento a liberdade política. É a partilha justa, entre todos os membros da sociedade, dos bens materiais, como garantia duma igual distribuição dos bens morais entre todos. É a ponderação das forças sociais, feita pela lei e pelo pacto livre, em vez de ser feita pela acasos cego, pela luta fratricida, pelo equilíbrio, a cada momento instantável, da concorrência. É o trabalho considerado, definitivamente e realmente, a única base do Estado. É a lei feita, enfim, por todos, em serviço de todos. É o povo chamado ao banquete olímpico da instrução, da prosperidade e da moralidade. O que há mil e oitocentos anos exclamou da sua cruz um mártir da liberdade, cravando no céu olhos cheios de fé, a democracia, alargando por sobre a terra, património da humanidade, os seus olhos cheios de ciência e verdade, repete-o hoje com mais força ainda: paz aos homens de boa vontade.

Se os reis se assustam com esta palavra - democracia - esse terror é a própria condenação deles, porque democracia é justiça, e eles, temendo-a, confessam que é a justiça que temem, e que a sua vida e o seu poder não são justos aos olhos das mesmas consciências.

Mas ao povo não o aterra a justiça: inflama-o, com o ardor dum grande ideal que se lhe revela, no meio da tempestade que alui os tronos e faz voar as coroas como as folhas secas do Outono.

E se os tronos vacilam e se desfazem as coroas não é culpa da democracia, mas dos reis que se não convertem, endurecidos de coração ou obcecados de inteligência, ao credo formoso da nova religião humanitária. Tecem com as próprias mãos a rede em que hão-de ser presos: aguçam, sorrindo, o ferro que os há de varar.

Nesta luta quem é o culpado? Quem é o agressor? O povo, que só pede aos que o exploram que se convertam, que queiram viver na paz fraternal da lei de justiça, ou as realezas, as oligarquias, os governos do privilégio, que se recusam a ouvir estas palavras de concórdia, que se recusam a toda a conciliação, a toda a arbitragem, e só sabem responder aos argumentos dos tribunais populares com golpes de Estado, com embustes e violências?

A história julgará. A imparcial história dirá quem, nesta luta travada entre o povo que trabalha e é espezinhado, e os governos que o exploram e triunfam, quem é realmente o agressor, quem é o quebrantador da paz pública, quem atea a guerra civil, e leva as nações a virarem-se contra si mesmas nas convulsões frenéticas da revolução social.

quanto a nós, antes do juízo da História, somos pelos povos, porque a causa deles, julgada na nossa consciência, foi achada boa e santa. O que eles pedem não é o ócio doirado, as pompas cortesãs, os deleites, as opulências: nada disso: o povo pede simplesmente o pão do corpo e do espírito em retribuição do seu suor; pede garantias para que o fruto do seu trabalho não seja absorvido pelos ociosos; pede o agasalho e a instrução para os seus filhos, e para si a liberdade de dispor da sua pessoa e do produto integral da sua atividade. Em duas palavras: o povo pede que o deixem ser homem.

É o que significa a palavra - democracia.

que esta revolução se possa fazer pacificamente, é o voto mais íntimo dos nossos corações.

Senão, que a responsabilidade recaia toda sobre os que desencadearem as tempestades!

quanto a nós, queremos a Paz - mas queremos também a Justiça.

Artigo anônimo publicado em Almanaque para a Democracia Portuguesa 1º ano, Lisboa, 1870, pp. 41-44, atribuído a Antero de Quental.

Carlito Maia

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão.

Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

FERNANDO PESSOA in Encontro de Poesia

O ÚLTIMO DISCURSO.

(de "O Grande Ditador")

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja.

Gostaria de ajudar - se possível - judeus, o gentio...negros...brancos. Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo - não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo Há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nos sas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extra- viamos. A cobiça envenenou a alma dos homens...levantou no mundo as mura lhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro de la. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máqui nas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes a vida será de violência e tudo se rá perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza des sas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem...um apelo à frater nidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora...milhões de desespe ra dos, homens, mulheres, criancinhas...vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: "Não desesperéis!" A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia...da amargura de homens que temem o avan ço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais...que vos desprezam... que vos escravizam...que arregimentam as vossas vidas...que ditam os vossos atos, as vossas idéias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar

no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como um gado humano e que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar...os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade!

No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem - não de um só homem ou um grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder - o poder de criar máquinas. O poder de criar a felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela...de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto - em nome da democracia - usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo...um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão!

Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontres, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo - um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança.

Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!

Charles Chaplin


Carlito Maia

Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.

(A autoria deste poema tem sido atribuída,
por um equívoco, ao poeta russo Vladimir
Maiakóvski. O poema foi escrito por Eduardo
Alves da Costa, em 1964.)

JÁ NAS LIVRARIAS "NO CAMINHO COM MAIAKÓVSKI",
DE EDUARDO ALVES DA COSTA, EDITADO PELA "NOVA
FRONTEIRA".

"Não são só ladrões os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões, que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça, levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: "LÁ VÃO OS LADRÕES GRANDES ENFORCAR OS PEQUENOS." Ditosa a Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas. Quantas vêzes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia de ser levado em triunfo um cônsul, um ditador por ter roubado uma província! E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidônio Apolinar: Non cessat simul furta, vel punire, vel facere. Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zêlo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar ele só"!

(VIEIRA - Sermões - vol. 5, pág 69 - LELLO & Irmão - Editores)

SONETO DE SHAKESPEARE

TIR,D with all these, for restful death I cry,
As, to behold desert a beggar born,
And needy nothing trimm'd in jollity,
And purest faith unhappily forsworn,
And gilded honour shamefully misplac'd,
And maiden virtue rudely strumpeted,
And right perfection wrongfully disgrac'd,
And strength by limping sway disabled,
And art made tongue-tied by authority,
And folly, doctor-like, controlling skill,
And simple truth miscall'd simplicity,
And captive good attending captain ill:
Tir'd with all these, from these would I be gone,
Save that, to die, I leave my love alone.

FARTO de tudo, imploro a morte sossegada
Quando vejo o valor vestido como um pobre
E com luxo trajado o miserável nada,
E perjurada, por desgraça, a fé mais nobre
E vergonhosamente a honra, mal situada,
E a virginal virtude em lama prostituída,
E por coxo exercício a força invalidada,
E a justa perfeição do apreço decaída,
E julgando a perícia a doutoral tolice,
E atando a língua da arte o arbítrio oficial,
E a mais simples verdade achada parvoíce,
E o bem seguindo escravo o comandante mal:
Farto, eu queria estar já morto e descansado,
Se não deixasse o meu amor abandonado.

TRADUÇÃO DE PÉRICLES EUGENIO DA SILVA RAMOS

ESTATUTOS DO HOMEM
Thiago de Mello

- Artigo 1 Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida
e que de mãos dadas
trabalharemos todos pela vida verdadeira.
- Artigo 2 Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.
- Artigo 3 Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.
- Artigo 4 Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.
- § O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.
- Artigo 5 Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com o seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.
- Artigo 6 Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.
- Artigo 7 Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e a da claridão,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo 8

Fica decretado qua a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar amor a quem se ama
sabendo que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo 9

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo 10

Fica permitido a qualquer pessoa,
a qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo 11

Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo do que a estrela da manhã.

Artigo 12

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
sobretudo brincar com os renocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

§

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo 13

Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraterna
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo
final:

Fica proibido o uso da palavra liberdade
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
ou como a semente do trigo,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

ORAÇÃO AO
MÁRTIR
PEDRO JORGE

José Mario Rodrigues



Salva-me Pedro Jorge
Estou apodrecendo
por respirar tamanha podridão.

Dá-me um pouco de tua crença
no que é justo e verdadeiro.

Unta-me de tua inocência
Restitui-me o dom da esperança
Faz-me acreditar no homem
Estou só
e habitou uma escuridão em meu país.

Recife, 08 de outubro de 1982

PROCURADOR DA REPÚBLICA ASSASSINADO EM PERNAMBUCO.

Da introdução ao LIBRO DE MANUEL,
de Júlio Cortázar:

Más que nunca creo que la lucha en pro del socialismo latinoamericano debe enfrentar el horror cotidiano con la única actitud que un día le dará la victoria: cuidando preciosamente, celosamente, la capacidad de vivir tal como la queremos para ese futuro, con todo lo que supone de amor, de juego y de alegría.

Na obra de Chaplin, Carlito aparece ninguém sabe nunca de onde, nem como. Surge, sempre, irrompendo de qualquer parte, despontando num canto de rua, numa curva de caminho, do meio de uma multidão qualquer. Nada parece impeli-lo ou retê-lo. Vem andando, vem se arrastando, vida afora. Não se sente preso a coisa alguma - nada o chama para lugar algum.

É a liberdade. E nada o define melhor do que êsse "ser" sem prender-se a nenhuma necessidade exterior. Vive. Sua essência é essa: viver, existir. Ou melhor: vegetar. Vive, de qualquer modo. Contra todos os empecilhos: e, às vezes, são muitos, decisivos. Não importa. Não sabe seu nome de família e, talvez mesmo, não tenha conhecido seus pais. Casa não tem. Para quê? Lugar certo onde possa ser encontrado, também não. Para quê? Apertado dentro de um fraque muito usado (e, provavelmente herdado de não se sabe bem quem...), mal coberto do sol ou da chuva por um pobre chapéu côco, nada mais possui de seu, a não ser a bengalinha torta. São seus únicos bens. Por isso, vive a defendê-los, ou a agarrá-los, pois não cessam de fugir-lhe das mãos, de se estatelarem no chão, como um convite a que deles se apropriem os eternos aproveitadores do alheio. Nessa luta, solto, sozinho (como sempre está, como é de sua natureza viver), sua principal preocupação é manter contato, comunicar com o mundo, participar da solidariedade humana, trabalhar, evitar de morrer de fome. Contra ele, sente bem (como se se tratasse de uma "conspiração"), o universo inteiro está ligado, unido, solidário. Queira ou não, terá de enfrentá-lo. É um homem, não? É o homem, talvez...pensamos nós, já com os olhos quase a lacrimejar diante de tanta imprevisível "semelhança..."

Sua vida é essa luta. É o incessante fracasso que dela decorre. Mas é, também, a invencível esperança que resulta, sempre, a cada derrota, a cada nova derrota. Conhece todos os empregos e todos os desempregos. Emerge de todas as injustiças com a inocência primeira de sua natureza quase angélica. (Pois sua vida não é essencialmente, a peregrinação da "divina inconsciência" através do nosso malicioso mundo?) Pugilista, pintor, dançarino, patinador, garçom, ator, dentista, carregador, porteiro, maquinista, repórter, violonista, bombeiro, simples emigrante, soldado ocasional, ilusionista

consciente, falso pastor de almas, mineiro, músico ambulante, caixeiro, palhaço, minerador de ouro, atravessa entre fintas e piruetas, falsos sorrisos e abafados gemidos de verdadeira dor, todo o aprendizado do engano e da desilusão, todo o abecedário, menor e maior, do sofrimento humano.

Desgraçado Carlito: vagabundo por natureza, ei-lo obrigado a trabalhar; livre por essência, ei-lo sob a ameaça do casamento - suprema sujeição para sua natureza fundamentalmente livre; fora da lei por destino, ei-lo às turras com todos os guardas da região. Rejeitado Carlito: afetivo, bom, amante de tudo e de todos, ei-lo por tôda a parte onde não é querido e onde, à sua volta, só existem armadilhas e perigos, desafios da sorte adversa. Intratável Carlito: desajustado e incapaz, "suspeito" por vocação, ei-lo perambulando em estabelecimentos bancários, sempre tão bem policiados; ei-lo em ringues em luta contra verdadeiros gigantes boxeadores; ei-lo naufragado em bares, bebendo demais; ei-lo obrigado a fugir dos homens da lei; ei-lo vagabundo eterno, sempre esbarrando na incompreensão, no desamor de seus semelhantes, nas invencíveis lutas sentimentais. Absurdo Carlito: pacato, instintivamente quase um covarde, ei-lo envolvido pela guerra e suas misérias, pela busca do ouro e seus percalços; ei-lo no seu trágico caminhar de simples desempregado ao longo das ruas e das luzes da cidade, ou tragado pela voracidade abismática das realidades sociais dos nossos tempos, modernos, desgraçadamente moderníssimos.

A aventura está quase completa. Carlito, clown e poeta, realista e sonhador, atravessou todos os estágios da aprendizagem humana, sofreu todas as vicissitudes que nossa espécie conhece. Seu coração está irremediavelmente sangrando, como o nosso - êsse nosso coração que, de início, só de ver sua figura - sua "grotesca" figura - mal podia conter o riso, mas que logo percebeu que estava rindo de si próprio, do seu sofrimento, do eterno sofrimento humano - da única coisa de que, humanamente, jamais teria o direito de rir.

Extraído do prefácio de Octávio de Faria para "História da Minha Vida", de Charles Chaplin.

Carlito Maia

O NOME DAS COISAS

Luiz Carlos Lisboa

Em Nome da Simplicidade

O declínio e o descrédito de algumas qualidades humanas, como a paciência, a humanidade, a flexibilidade e a calma, são evocados pela leitora que se surpreende com a ausência desses valores nas preocupações e nos escritos contemporâneos. E, no entanto, acrescenta, um contato direto com esse gênero de coisas é fundamental para o conhecimento do mundo e produz, como resultado, uma forma de enriquecimento interior que é indispensável à vida. A observação sobre o silêncio moderno em torno daquelas qualidades, podemos acrescentar, é também incomum. Estamos tão acostumados às rotinas que nos envolvem e modelam, que só vemos o que a cultura deseja expressamente que vejamos. O resto passa como uma vaga miragem que mal percebemos, ou que captamos superficialmente e que infelizmente nos satisfaz, porque qualquer migalha engana nossa fome. A frase atribuída a Aldous Huxley, segundo a qual não utilizamos mais do que 30% do nosso potencial psíquico, não tem servido senão para produzir um passageiro sentimento de culpa nos que a repetem, sem mais conclusões. Não há ninguém a culpar, no caso. A maioria absoluta das pessoas vive muito contente nesse estado meio sonambúlico a que chamam vigília. No resto do tempo estão, confessadamente, dormindo. A mesma leitora fala na importância de "fazer pensar", na necessidade de levar as pessoas a uma forma de lucidez que seja o contrário do sonho, principalmente do "sonho acordado". Estar lúcido, é evidente, significa precisamente estar atento, totalmente integrado num conjunto real de fatos ocorridos no mundo, ou dentro de nós. Perceber com clareza o que se passa em nosso interior nada tem a ver com aquele estado sonambúlico que caracteriza o homem moderno, perdido num labirinto de idéias e querendo moldar essas idéias à realidade. De fato, o que parece abstração é real, e o que se pretende pragmático é, muitas vezes, mera idealização. Esse tumulto é bem típico do clima de distração e superficialidade em que vivemos nosso dia-a-dia. O individualismo exacerbado que dominou a segunda metade deste século - primeiro timidamente, depois de modo confiante e dominador - instaurou concepções toscas que tendem a deitar raízes e permanecer.

Esse individualismo, muito ligado a um conceito doentio e deformado de liberdade, tem crescido incessantemente e não dá mostras de querer moderar sua hipertrofia.

Os veículos de comunicação reforçam uma cultura mundial cada vez mais homogênea, o que equivale dizer uma civilização humana cada vez mais padronizada. A televisão, o rádio, o cinema, a imprensa contribuem muito para a standardização do mundo, abolindo a iniciativa pessoal e toda discrepância - em nome da liberdade de pensamento, muitas vezes. Por outro lado, toda possibilidade de escapar ao estereótipo universal está contida nesses veículos, e em seu potencial libertador. Dentre reforçar os preconceitos da cultura e libertar-se deles, a média tem optado, geralmente, pela primeira alternativa, na convicção de que o sucesso se obtém antes pela adesão ao conhecido do que por qualquer convite de incursão pelo novo. Desse modo, instalou-se nas áreas civilizadas do planeta, com a explosão dos meios de comunicação, uma forma de tirania absolutamente nova na História: a do lugar-comum, do pensamento em pílulas, da banalização da inteligência.

Valores como a paciência, a humanidade, a flexibilidade, a moderação, quando não diretamente desprezados, são esquecidos. A cultura decidiu, e os comunicadores geralmente apregoaram e difundiram que essas qualidades são indicadores de franqueza, de covardia, de ausência de convicção. A época é de auto-afirmação, embora ninguém saiba o que deve ser afirmado, conduzindo fatalmente à rejeição de qualquer idéia relacionada com a tolerância e a indulgência. Nos contatos interpessoais de todo dia, o homem moderno esconde, entre o que chama de "fraqueza", todo sentimento de consideração para com os demais. Persiste, no ar, o culto do herói rude, que esconde ou próprios sentimentos e afirma sua insensibilidade. Os padrões humanos da TV, do cinema e da literatura de consumo reforçam o processo e consagram comportamentos.

Desse modo, a massificação crescente do gosto e do pensamento afastou, pela reprovação e pelo esquecimento, uma série de características humanas, entre as quais o comedimento, a brandura, a calma, a humanidade. Esses valores, no entanto, continuam existindo isoladamente naqueles que são "o sal da terra", e que, de certo modo, formam uma espécie de reserva patrimonial da humanidade. Em que consiste, afinal, a simplicidade, esse quase exotismo em nosso tempo? Consiste em agir sem

artifício, sem projetar imagem, sem se envolver em autocomplacência, sem "querer ser" alguém, ou alguma coisa. A trama é surpreendentemente simples, mas nós perdemos a capacidade de percebê-la em sua singeleza, precisamente porque perdemos nossa simplicidade. O comedimento resulta de uma grande e entranhada descoberta: a de que não somos, individualmente, tão importantes, tão competentes, tão compreensivos ou tão inteligentes quanto gostamos de imaginar. A revelação, ocorrida de facto, não leva ao desencanto, ao desânimo. Ao contrário. O dinamismo próprio de percepções desse gênero libera uma energia impessoal que favorece outras descobertas. Finalmente, na própria ação de perceber que é a simplicidade, estamos agindo de forma simples, direta e indivisa. Somos a simplicidade, e não mais apenas alguém que procura descobrir uma realidade separada de si mesmo. Nessa descoberta, estamos fora do processo de massificação que faz de cada homem um multiplicando, de cada indivíduo um computador vagaroso que foi alimentado no sentido de repetir, comparar, imitar e, o que é mais triste, de sofrer, arrepende-se e ter medo.

CARTA A UM PRESIDENTE

Escreveu-a em 1885 o cacique índio norte-americano Seattle, da tribo Duwamish, Estado de Washington, ao então Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, após o governo ter dado a entender que desejava adquirir o território da tribo.

Considerada como a declaração mais bela e profunda feita até agora sobre o meio ambiente, foi lida por Russell Peterson, Presidente do Conselho Federal de Qualidade do Meio Ambiente, dos EUA, durante a reunião da Associação Americana para o Progresso da Ciência, em Nova Iorque (maio de 1975). Na ocasião, observou Peterson: "Da nossa moderna perspectiva 120 anos depois - a carta de Seattle parece ser senão uma profecia expressiva, pelo menos um tanto desconcertante".

O Grande Chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O Grande Chefe assegurou-nos também sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não precisa da nossa amizade.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O Grande Chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas - elas não empalidecem. Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia é-nos estranha se não Somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los? Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo. Cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando - depois de morto - vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, os sumos das campinas, o calor que emana do corpo de um mustang e o homem - todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o Grande Chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O Grande Chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto vamos considerar a tua oferta de comprar nossa terra. Mas não vai ser fácil, não. Porque esta terra é para nós sagrada.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar d'água e a voz do pai de meu pai.

Os rios são nossos irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terá de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de conquistar, ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados, e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e não se importa. Ficam esquecidos a sepultura de seu pai e o direito de seus filhos à herança. Ele trata sua mãe - a terra - e seu irmão - o céu - como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.

Não sei. Nossos modos diferem dos teus. A vista de tuas cidades causa tormento aos olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada entende.

Não há um sequer lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada compreende. O barulho parece apenas insultar os ouvidos. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiangó ou, de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Sou um homem vermelho e nada compreendo. O índio prefere o suave sussurro do vento a sobrevoar a superfície de uma lagoa e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia, ou recendendo a pinheiro.

O ar é preciso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum - os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida, também recebe o seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adoçado com a fragância das flores campestres.

Assim pois, vamos considerar tua oferta para comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e desconheço que possa ser de outro jeito. Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante do que o bisão que (nós os índios) matamos apenas para o sustento de nossa vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo o que acontece aos animais, acontece aos homens. Tudo está relacionado entre si.

Deves ensinar a teus filhos que o chão debaixo de seus pés são as cinzas de nossos antepassados. Para que tenham respeito ao país, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas da parentela nossa. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos; que a terra — e nossa mãe. Tudo quanto fere a terra — fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos: A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si.

Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida. Ele é meramente um fio da mesma. Tudo que ele fizer à terra, a si próprio fará. Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, envenenando seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias — eles não são muitos. Mas algumas horas, mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos pelos bosques, sobrarão para chorar, sobre os túmulos, um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso. Nem o homem branco, cujo Deus com ele passeia e conversa como amigo para amigo, pode ser isento do destino comum. Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo. Vamos ver. De uma coisa sabemos que o homem branco venha, talvez, um dia a descobrir: nosso Deus é o mesmo Deus. Talvez julgues, agora, que o podes possuir do mesmo jeito como desejas possuir nossa terra; mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira e é igual sua piedade para com o homem vermelho e o homem branco. Esta terra é querida por Ele e causar dano à terra é cumular de desprezo o seu criador; os brancos também vão acabar; talvez mais cedo do que todas as outras raças. Continua poluindo a tua cama e hás de morrer uma noite, sufocado em teus próprios dejetos!

Porém, ao perceberem, vocês brilharão com fulgor, abrasados, pela força de Deus que os trouxe a este país e, por algum desígnio especial, lhes deu o domínio sobre esta terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é para nós um mistério, pois não podemos imaginar como será quando todos os bisões forem massacrados, os cavalos bravios domados, as brenhas das florestas carregadas de odor de muita gente e a vista das velhas colinas empanadas por fios que falam. (telégrafo).

Onde ficará o emaranhado da mata? Terá acabado. Onde estará a águia? Irá acabar. Restará dar adeus à andorinha e à caça. O fim da vida e o começo da luta para sobreviver. Compreenderíamos, talvez, se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais as visões do futuro que oferece às suas mentes para que possam formar desejos para o dia de amanhã. Somos, porém, selvagens. Os sonhos do homem branco são para nós ocultos. E por serem ocultos, temos de escolher nosso próprio caminho. Se consentirmos, será para garantir as reservas que nos prometeste. Lá, talvez possamos viver os nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós as amamos como ama um recém-

nascido o bater do coração de sua mãe.

Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça de como era esta terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder e todo o teu coração - conserva-a para teus filhos e ama-a como Deus nos ama a todos. De uma coisa sabemos. O nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é por Ele amada. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.

"Fizeram-nos muitas promessas, mais do que me posso lembrar, mas os brancos nunca as cumpriram, menos uma, prometeram tomar toda nossa terra e a tomaram!" (Palavras do Chefe Índio Siux, Nuvem Vermelha, dirigidas a um Oficial do exército de cavalaria dos Estados Unidos).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
A PAIXÃO MEDIDA

IGUAL-DESIGUAL

Eu desconfiava:

todas as histórias em quadrinho são iguais.

Todos os filmes norte-americanos são iguais.

Todos os filmes de todos os países são iguais.

Todos os best-sellers são iguais

Todos os campeonatos nacionais e internacionais de
futebol são iguais.

Todos os partidos políticos são iguais.

Todas as mulheres que andam na moda são iguais.

Todas as experiências de sexo são iguais.

Todos os sonetos, gázeis, virelais, sextinas e rondós
são iguais e todos, todos os poemas em verso livre
são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.

Todas as fomes são iguais.

Todos os amores, iguais iguais iguais.

Iguais todos os rompimentos.

A morte é igualíssima.

Todas as criações da natureza são iguais.

Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.

Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou
coisa.

Ninguém é igual a ninguém.

Todo ser humano é um estranho ímpar.

Eles estão jogando o jogo deles.

Eles estão jogando de não jogar um jogo.

Se eu lhes mostrar que os vejo tal qual eles estão,
quebrarei as regras do seu jogo
e receberei a sua punição.

O que eu devo, pois, é jogar o jogo deles,
o jogo de não ver o jogo que eles jogam.

"LAÇOS"

R.D.LAING

"O MENTIROSO"

de Jean Cocteau

Eu queria dizer a verdade. Eu amo a verdade, mas a verdade não gosta de mim. Esta é a verdadeira verdade: a verdade não gosta de mim. Se eu falo a verdade, ela se transforma e se volta contra mim. Eu fico com ar de quem mente e as pessoas começam a me olhar de lado,

No entanto eu sou simples e não gosto da mentira.

Juro! A mentira sempre traz aborrecimentos terríveis, a gente se enrosca, tropeça nela, cai e todo mundo acaba percebendo.

Se me perguntam alguma coisa, eu quero responder o que eu penso.

Quero dizer a verdade. A verdade me exige.

Mas aí eu não sei o que acontece comigo: eu começo a ficar angustiado, ansioso, com medo de parecer ridículo - e minto. Eu minto. E pronto. Aí é tarde demais para voltar atrás. Uma mentira puxa outra! Não é nada cômodo, podem crer!...

Porque é tão fácil dizer a verdade. A verdade é um luxo dos preguiçosos; é uma garantia de não se cair em contradição depois, de não ter problemas. O problema é só na hora, rápido, instantâneo e logo em seguida as coisas se ajeitam.

Enquanto que eu... é uma coisa diabólica, a mentira é uma loucura! É como uma montanha russa que arrebatada a gente, nos tira o fôlego, faz parar o coração, dá um nó na garganta...

Se eu gosto, eu digo que não gosto e se eu não gosto, eu digo que gosto. E eu fico na frente do espelho repetindo: você não vai mentir mais, você não vai mentir, você não vai mentir nunca mais.

E eu minto. Minto e minto. Minto nas coisas pequenas e nas grandes também. E se por acaso eu digo a verdade, de repente ela se torce, se deforma, se retorce e se transforma em mentira. Os menores detalhes se viram contra mim e provam que eu menti.

Não que eu seja covarde, eu até imagino os argumentos que deveria usar. Eu poderia responder: "Vocês estão mentindo", mas eu fico paralizado, mudo. Me deixo injuriar e morro de raiva. Eu não queria mentir. As pessoas deviam entender que eu minto contra a minha vontade. Eu detesto as minhas mentiras e faria qualquer coisa para não ser obrigado a confessar tudo isso.

Mas e vocês? Vocês dizem a verdade? Será que vocês são dignos de minha confissão? Afinal, eu estou me acusando, sem saber se vocês estão à altura de me julgar, de me condenar ou de me absolver.

Vocês devem mentir sim. Todos devem mentir sem parar.

Adoram mentir e fingem acreditar que não estão mentindo. Mas eu tenho a honestidade de assumir que eu minto, que eu sou mentiroso. Enquanto que vocês ouvem o que eu estou dizendo e pensam: coitado. E se aproveitam da minha franquesa para esconder as mentiras de vocês. Peguei vocês...

Mas acontece senhores e senhoras que nada do que eu disse é verdade. Eu só menti para vocês quando eu disse que estava mentindo. Era uma armadilha.

E agora eu posso imaginar como cada um de vocês está se sentindo. Vocês dizem que eu minto e no entanto são vocês que mentem. É fantástico! Eu não minto nunca. Vocês estão me ouvindo? Nunca!

E se eu chego a mentir algumas vezes são mentiras piedosas para evitar um drama. Além do que a mentira...

A mentira é maravilhosa, imaginar um mundo irreal e fazer todo mundo acreditar nele. Mentir! Mas eu não minto nunca.

Claro, eu menti para vocês quando eu disse que estava mentindo. Mas será que menti quando eu disse que estava mentindo, ou quando eu disse que a não mentia nunca? Eu já não sei mais. Eu me confundo. Que época a nossa! Será que eu sou um mentiroso? E eu pergunto isso a VOCÊS? Digamos que eu seja... uma mentira. Muito mais que uma mentira: Eu sou uma mentira que diz sempre a verdade.

Meu bem, o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.
Talvez nem seja talvez.
O mundo não vale a pena,
mas a pena não existe.
Meu bem, façamos de conta.
De sofrer e de olvidar,
de lembrar e de fruir,
de escolher nossas lembranças
e revertê-las, acaso
se lembrem demais em nós.
Façamos, meu bem, de conta
- mas a conta não existe -
que é tudo como se fosse,
ou que, se fora, não era,
Meu bem, usemos palavras.
Façamos mundos: idéias.
Deixemos o mundo aos outros,
já que o querem gastar.
Meu bem, sejamos fortíssimos
- mas a força não existe -
e na mais pura mentira
do mundo que se desmente,
recortemos a nossa imagem,
mais ilusória que tudo,
pois haverá maior falso
que imaginar-se alguém vivo,
como se um sonho pudesse
dar-nos o gosto do sonho?
Mas o sonho não existe.
Meu bem, assim acordados.

assim lúcidos, severos,
ou assim abandonados,
deixando-nos à deriva
levar na palma do tempo
- mas o tempo não existe -,
sejamos como se fôramos
num mundo que fosse: o Mundo.

(Carlos Drummond de Andrade)

.....
Eu adoro todas as coisas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,
Para aumentar com isso a minha personalidade.

Pertenço a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio
E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija.
Eu amo todas as coisas, umas mais do que as outras,
Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as que estou vendo
Do que as que vi ou verei.
Nada para mim é tão belo como o movimento e as sensações.
A vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos.
Penso nisto, enternoço-me mas não sossego nunca.

.....

"Ficções do Interlúdio", Poesias de Álvaro de Campos, um
dos heterônimos de Fernando Pessoa (13-6-1888/30-11-1935)

Trecho de um poema dito por mim quando fui agraciado com a
Comenda da Sociedade Etilica Desportiva dos Cães Vadios, dia
27 de Julho de 1985.

Carlito Maia

Carlito Maia

A POESIA É NECESSÁRIA

E Sophia é indispensável

Sophia de Mello Breyner Andresen é a poeta maior da língua portuguesa, aquela que nós todos, seus leitores subjugados há muito, chamam apenas Sophia.

Tomo a liberdade de reproduzir aqui alguns de seus poemas, escolhidos a vôo de pássaro, simples exemplos do seu fulgor poético-político, extraídos de seu livro O Nome das Coisas, Moraes Editora, Lisboa, 1977. Antes, belas palavras de Sophia sobre a sua rima lógica - a Poesia. "É a poesia que desaliena, que funda a desalienação, que estabelece a relação inteira do homem consigo próprio, com os outros, e com a vida, com o mundo e com as coisas. E onde não existir essa relação primordial limpa e justa, essa busca de uma relação limpa e justa, essa verdade das coisas, nunca a revolução será real", disse ela no I Congresso de Escritores Portugueses, em maio de 76.

Mais um pouco, e vale muito a pena: "Compete à poesia, que é por sua natureza liberdade e libertação inspirar e profetizar todos os caminhos da desalienação. E quando a palavra da poesia não convier à política, é a política que deve ser corrigida. Por isso é da verdade e da essência da revolução que sempre a poesia possa criar livremente o seu caminho. E é muito importante que se compreenda claramente que a arte não é luxo nem adorno. A história mostra-nos que o homem paleolítico pintou as paredes das cavernas antes de saber cozer o barro, antes de saber lavar a terra. Pintou para viver."

Há nomes predestinados. Ou talvez nomes que foram para os seus ocasionais suportes uma luz íntima que os guiou com infalível presciência para o lugar e a posse do que no nome mágico já se anunciava: Sophia - sabedoria mais funda do que o simples "saber", conhecimento íntimo, ao mesmo tempo atônico e luminoso do essencial.

A poesia, a poesia de Sophia!

NESTA HORA

*Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade*

*Meia verdade é como habitar meio quarto
Ganhar meio salário
Como só ter direito
A metade da vida*

*O demagogo diz da verdade a metade
E o resto joga com habilidade
Porque pensa que o povo só pensa metade
Porque pensa que o povo não percebe nem sabe*

*A verdade não é uma especialidade
Para especializados clérigos letrados*

*Não basta gritar povo é preciso expor
Partir do olhar da mão e da razão
Partir da limpidez do elementar*

*Como quem parte do sol do mar do ar
Como quem parte da terra onde os homens estão
Para construir o canto do terrestre
— Sob o ausente olhar silente de atenção —*

*Para construir a festa do terrestre
Na nudez da alegria que nos veste*

20 de Maio de 1974

COM FÚRIA E RAIVA

*Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo das palavras*

*Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
Que de longe muito longe um povo a trouxe
E nela pôs sua alma confiada*

*De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse*

*Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma as palavras em moeda
Como se fez com o trigo e com a terra*

Junho de 1974

NESTA HORA

Nesta hora limpa da verdade é preciso dizer a verdade toda
Mesmo aquela que é impopular neste dia em que se invoca o povo
Pois é preciso que o povo regresse do seu longo exílio
E lhe seja proposta uma verdade inteira e não meia verdade

Meia verdade é como habitar meio quarto
Ganhar meio salário
Como só ter direito
A metade da vida

O demagogo diz da verdade a metade
E o resto joga com habilidade
Porque pensa que o povo só pensa metade
Porque pensa que o povo não percebe nem sabe

A verdade não é uma especialidade
Para especializados clérigos letrados

Não basta gritar povo é preciso expor
Partir do olhar da mão e da razão
Partir da limpidez do elementar

Como quem parte do sol, do mar do ar
Como quem parte da terra onde os homens estão
Para construir o canto do terrestre
— Sob o ausente olhar silente de atenção —

Para construir a festa do terrestre
Na nudez de alegria que nos veste

20 de Maio de 1974

COM FÚRIA E RAIVA

Com fúria e raiva acuso o demagogo
E o seu capitalismo das palavras

Pois é preciso saber que a palavra é sagrada
Que de longe muito longe um povo a trouxe
E nela pôs sua alma confiada

De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo
E transforma as palavras em moeda
Como se fez com o trigo e com a terra

Junho de 1974

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Apenas um dos sonetos de Luís de Camões

O LIVRO DE CARLOS

Carlos Pena Filho, Poesia e vida

Edilberto Coutinho

A SOLIDÃO E SUA PORTA

Quando mais nada resistir que valha
a pena de viver e a dor de amar
e quando nada mais interessar
(nem o torpor do sono que se espalha),

Quando, pelo desuso da navalha
a barba livremente caminhar
e até Deus em silêncio se afastar
deixando-te sozinho na batalha

a arquitetar na sombra a despedida
do mundo que te foi contraditório,
lembra-te que afinal te resta a vida

com tudo que é insolvente e provisório
e de que ainda tens uma saída:
entrar no acaso e amar o transitório.

O LIVRO DE CARLOS

Carlos Pena Filho, Poesia e vida

Edilberto Coutinho

TESTAMENTO DO HOMEM SENSATO

Quando eu morrer, não faças disparates
nem fiques a pensar: "Ele era assim..."
Mas senta-te num banco de jardim,
calmamente comendo chocolates.

Aceita o que te deixo, o quase nada
destas palavras que te digo aqui:
foi mais que longa a vida que eu vivi
para ser em lembranças prolongada.

Porém, se, um dia, na tarde em queda,
surgir uma lembrança desgarrada,
ave que nasce e em vôo se arreda,

deixa-a pousar em teu silêncio, leve
como se apenas fosse imaginada,
com uma luz, mais que distante, breve.

"Não fazer mal a si próprio,
nem a ninguém;
encher de alegria a todos
e a si também
- eis o bem." (Bertolt Brecht, traduzido por Geir Campos)

"Eu creio:
o homem não apenas sobreviverá
ele prevalecerá
ele é imortal
não porque só ele entre as criaturas
tem uma voz inesgotável
mas porque tem alma
tem espírito capaz de compaixão
e sacrifício e resistência" (William Faulkner)

"Não, seu moço, era impussíve.
Mas então se era impussíve,
era êsse o meu devê." (Catulo)

"Para ser grande sê inteiro; nada teu
exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
porque alta vive." (Ode, Ricardo Reis, 1933)

"Do rio cujas águas tudo arrastam
se diz violento,
mas ninguém diz violentas as margens
que o comprimem." (Brecht)

Faço até o que não gosto, mas o que eu não quero - eu não faço.


Carlito Maia 

AL PERDERTE...

Al perderte yo a ti
Tú y yo hemos perdido:
Yo por que tú eras
Lo que yo más amaba
Y tú por que yo era
el que te amaba más.
Pero de nosotros dos
tú pierdes más que yo:
Porque yo podré amar a otras
como te amaba a ti,
pero a ti no te amarán
como te amaba yo.

(Ernesto Cardenal)

Apaga-me os olhos inda posso ver-te,
tranca-me os ouvidos inda posso ouvir-te
e sem pés posso ainda ir para ti
e sem boca posso ainda invocar-te.
Quebra-me os braços e posso apertar-te
com o coração como com a mão.
Tapa-me o coração e o cérebro baterá
e se me deitares fogo ao cérebro
hei-de continuar a trazer-te no sangue.

(do "Livro de Horas" de Rainer-Maria Rilke,
traduzido por Paulo Quintela, de Coimbra)

SABEDORIA

Não sejamos muito exigentes:
nem sempre a sorte é acessível
a todo mundo, a toda gente.
Ela é só dos menos sensíveis
ou dos ricos, naturalmente...
Não desejemos o impossível.
Devemos estar contentes
de sermos quem somos: simplesmente.
Namorados intermitentes
loucamente se namorando
de vez em quando.
É já uma grande coisa a gente
ser dois, à parte, entre mortais.
Dois que se bastam mutuamente
e não se aborrecem demais.
E se somos mais exigentes,
se, às vezes a alma ainda se sente
solteira e triste, isso é explicável
temos um gênio insuportável...
ou somos muito inteligentes.

(Paul G eraldy)

"FOLHETIM"

Folha de S. Paulo

SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1987

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou
trancá-la. Em cofre não se guarda nada. Em
cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela
iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer
vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar
acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por
ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro.

Do que um pássaro sem vôos;

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se
publica, por isso se declama e declara um

poema:

Para guardá-lo;

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda,
guarde o que quer que guarde um poema;

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Antonio Cicero

Sonhar não é proibido (e faz bem)

Não, Marquito não sentia inveja dos meninos que tinham violões de verdade. Porque ele vivia sonhando que tinha um também. E fazia vibrar suas cordas invisíveis, com o rosto iluminado e os olhinhos brilhando de emoção verdadeira.

Havia quem achasse ser o Marquito meio lelé-da-cuca. Claro, era gente que não tinha imaginação suficiente para saber que aquele violão só podia ser visto (e ouvido) por outros sonhadores, que nem o Marquito.

Essas pessoas ignoravam também que ele não se conformava com a realidade que havia, vivendo a sonhar com a realidade que devia haver.

Tendo seu violão imaginário como bandeira, Marquito via um mundo novo. Um mundo em que as coisas são das pessoas que as entendem. E não só das pessoas que podem comprá-las (mesmo sem as entender), apenas por terem dinheiro. Ah, quanta gente tem um violão na sala de visitas, servindo de enfeite, sem tocá-lo nunca!...

E lá ia Marquito dedilhando seu violão de sonho, dele tirando as músicas lindas que o seu coração compunha. Depois, limpava-o cuidadosamente com uma flanela bem macia feita de núvens. E o guardava com carinho numa capa côr de céu azul azulzim todo estrelado. Daí ele pegava seu violão único, mais que exclusivo, e o escondia debaixo da escada secreta que usava para subir ao seu paraíso particular.

As pessoas que não entendiam Marquito, tadinhas delas, até pensavam em levá-lo a um psicólogo para saber: "Será que ele tem alguma coisa?", onde ouviriam esta resposta: "Não, ele não tem uma coisa, mas sonha com ela e, assim, faz de conta que a tem."

Um dia, os que só sonhavam quando dormiam resolveram dar um violão de verdade para o menino que sonhava acordado. Ao recebê-lo, Marquito abraçou-se ao violão, comovido, e disse: "Obrigado. Agora tenho dois."

QUEM SOU?

Não sou nem sábio, nem filósofo, nem escritor profissional. Escrevi muito pouco na vida e sempre que o fiz foi a contragosto, somente quando uma apaixonante convicção forçava-me a vencer minha repugnância instintiva contra qualquer exibição pública de meu próprio eu.

Quem sou eu, pois, e o que me leva agora a publicar este trabalho? Sou um pesquisador apaixonado pela verdade e um encarniçado inimigo das ficções malfazejas das quais o partido do sistema, este representante oficial, privilegiado e interessado em todas as baixezas religiosas, metafísicas, políticas, jurídicas, econômicas e sociais, presentes e passadas, pretende utilizar-se ainda hoje para embrutecer e submeter o mundo.

Sou um amante fanático da liberdade, considerando-a como o único espaço onde podem crescer e desenvolver-se a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens; não esta liberdade formal, outorgada e regulamentada pelo Estado, mentira eterna que, em realidade, representa apenas o privilégio de alguns, apoiada na escravidão de todos; não esta liberdade individualista, egoísta, mesquinha e fictícia, enaltecida pela escola de J. J. Rousseau e por todas as outras escolas do liberalismo burguês, que considera o assim chamado direito de todo mundo, representado pelo Estado, como o limite do direito de cada um, o que conduz, sempre e necessariamente, o direito de cada um a zero.

Não, só aceito uma única liberdade que possa ser realmente digna deste nome, a liberdade que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potencialidades materiais, intelectuais e morais que se encontrem em estado latente em cada um; a liberdade que não reconheça outras restrições que aquelas que nos são traçadas pelas leis de nossa própria natureza; de maneira que não há, propriamente, restrições, pois estas leis não nos são impostas por nenhum legislador de fora, situando-se ao lado ou acima de nós; elas nos são imanentes, inerentes e constituem a base de nosso ser, tanto material quanto intelectual e moral. Ao invés de achar nelas um limite, devemos considerá-las como as condições reais e como a razão efetiva da nossa liberdade.

Entendo esta liberdade de cada um que, longe de parar como diante de um marco, diante da liberdade de outrem, encontra aí sua confirmação e

sua extensão ao infinito; a liberdade ilimitada de cada um pela liberdade de todos, a liberdade pela solidariedade, a liberdade na igualdade; a liberdade triunfante da força bruta e do princípio de autoridade que nunca foi nada mais do que a expressão ideal desta força; a liberdade, que depois de ter derrubado todos os ídolos celestes e terrestres, fundará e organizará um mundo novo, o da humanidade solidária, sobre as ruínas de todas as Igrejas e de todos os Estados.

Sou um partidário convicto da igualdade econômica e social, porque sei que fora desta igualdade, a liberdade, a justiça, a dignidade humana, a moralidade e o bem-estar dos indivíduos, assim como a prosperidade das nações, serão nada mais do que mentiras. Mas, partidário da liberdade, condição primeira da humanidade, penso que a igualdade deve estabelecer-se no mundo pela organização espontânea do trabalho e da propriedade coletiva das associações produtoras, livremente organizadas e federalizadas nas comunas, e pela federação igualmente espontânea das comunas, e não pela ação suprema e tutelar do Estado.

É este o principal ponto que divide os socialistas ou coletivistas revolucionários dos comunistas autoritários partidários da iniciativa absoluta do Estado. Seu objetivo é o mesmo; um e outro partidos querem igualmente a criação de uma nova ordem social fundada unicamente sobre a organização do trabalho coletivo, inevitavelmente imposto a cada um e a todos pela própria força das coisas, com iguais condições econômicas para todos, e sobre a apropriação coletiva dos instrumentos de trabalho.

Os comunistas, contudo, imaginam que poderão chegar a isto pelo desenvolvimento e pela organização da potência política das classes operárias e principalmente do proletariado das cidades, com a ajuda do radicalismo burguês, enquanto os socialistas revolucionários, inimigos de ligações e alianças equívocas, consideram, ao contrário, que só podem atingir este objetivo pelo desenvolvimento e pela organização da força política mas social e, conseqüentemente, anti-política das massas operárias tanto nas cidades quanto no campo, incluindo todos os homens de boa vontade das classes superiores que, rompendo como todo seu passado, gostariam de unir-se a eles e aceitar integralmente seu programa.

Há, portanto, dois métodos diferentes. Os comunistas acreditam que de vem organizar as forças operárias para dominar a potência política dos

Estado. Os comunistas são partidários do príncipe e da prática da autoridade, os socialistas revolucionários só têm confiança na liberdade. Uns e outros igualmente partidários da ciência que deve matar a superstição e substituir a fé; os primeiros queriam impô-la, os outros se esforçarão por propagá-la para que os grupos humanos, convencidos, se organizem e se federalizem espontaneamente, livremente, de baixo para cima, através de seu próprio movimento e de seus reais interesses, nunca seguindo um plano traçado antecipadamente e imposto às massas ignorantes por algumas inteligências superiores.

Os socialistas revolucionários acreditam que há muito mais razão prática e espírito nas aspirações instintivas e nas necessidades reais das massas populares do que na inteligência profunda de todos estes doutores e tutores da humanidade que, após tantas tentativas frustradas de tornar a humanidade feliz, ainda querem ajudar. Os socialistas revolucionários pensam, ao contrário, que a humanidade deixou-se, por um tempo demasiado longo, governar, e que a fonte destas infelicidades não se encontra em uma ou outra forma de governo, mas no princípio e no próprio governo, mas no princípio e no próprio governo qualquer que ele seja.

Esta é enfim a contradição, já histórica, que existe entre o comunismo cientificamente desenvolvido pela escola alemã e aceito em parte pelos socialistas americanos e ingleses, de um lado, e o proudhonismo largamente desenvolvido e levado até suas últimas conseqüências, de outro, aceito pelo proletariado dos países latinos.

BAKUNIN, seleção e notas de Daniel Guérin, L&PM Editores.

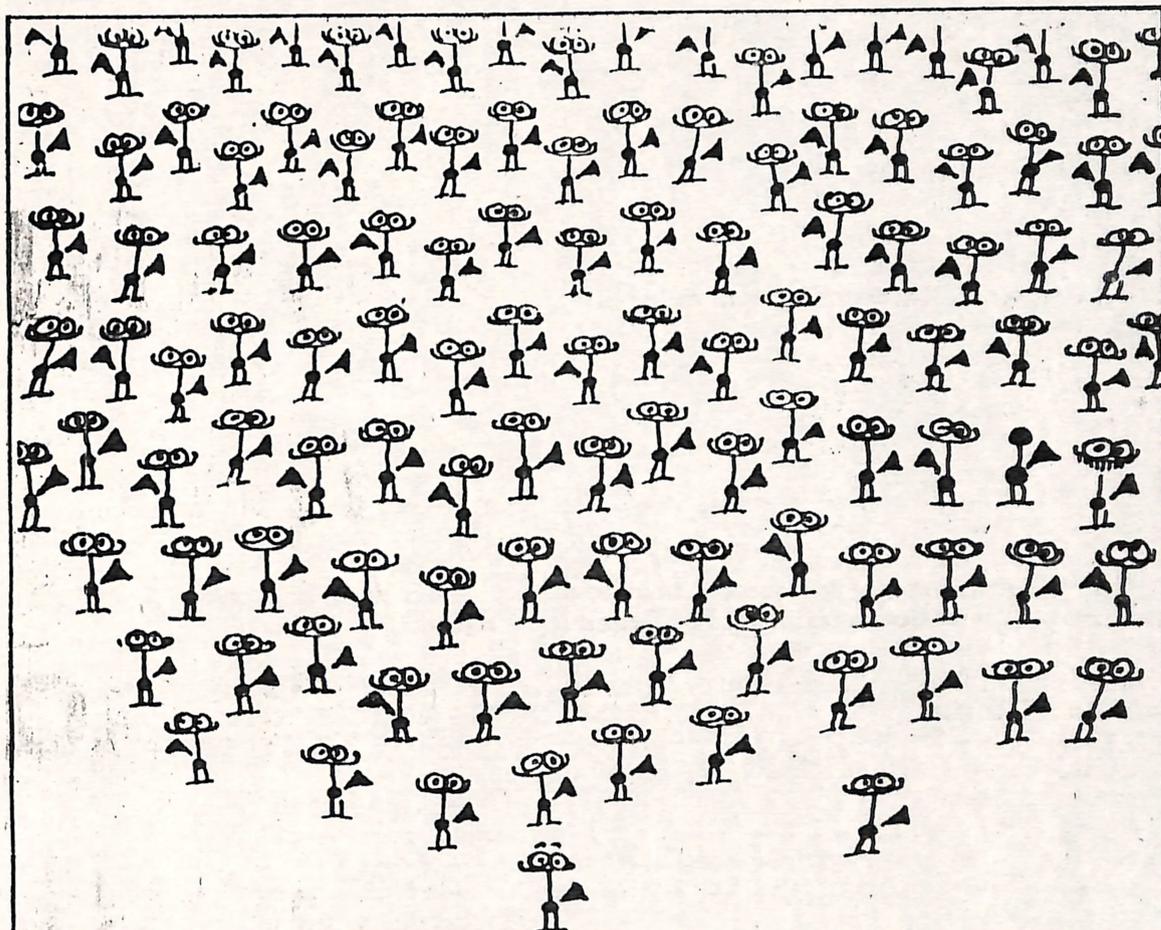
Propaganda

& MARKETING

Depoimento

Carlito Maia

Valeu a intenção da semente

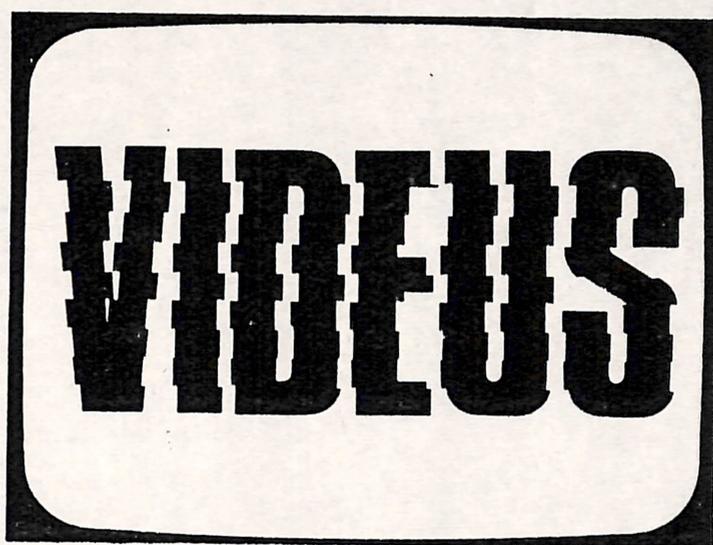


Se não houver frutos
 Valeu a beleza das flores
 Se não houver flores
 Valeu a sombra das folhas
 Se não houver folhas
 Valeu a intenção da semente.

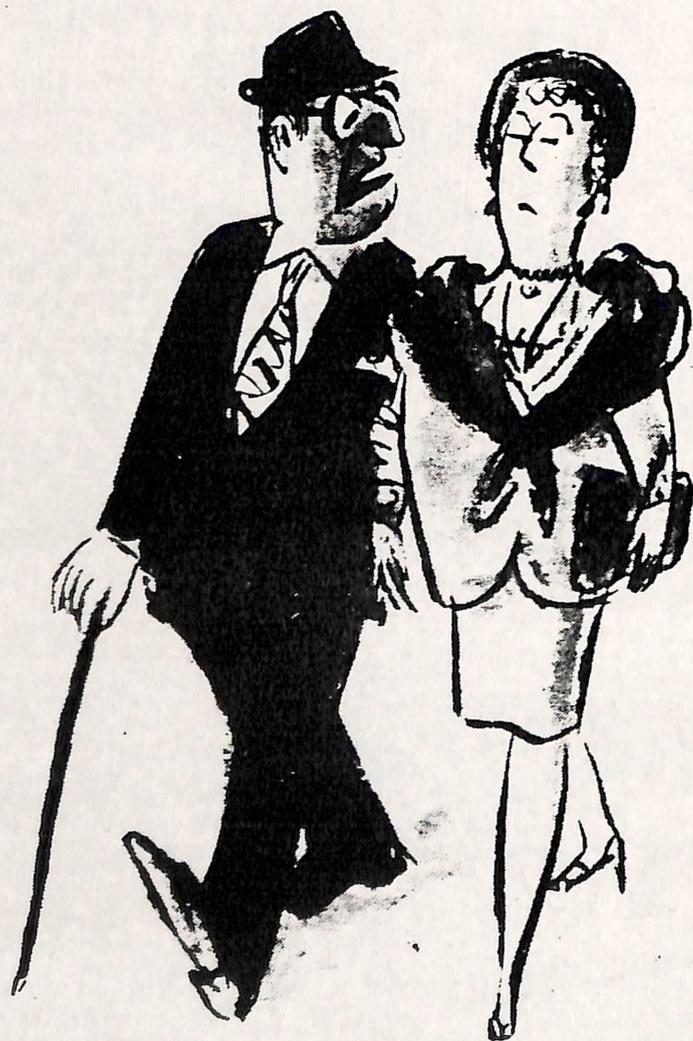
Foi lá em Jundiá, em 1962: o Erazé Martinho era candidato a vereador (elegeu-se) pelo PT e o proprietário do MPBar resolveu dar sua contribuição para o cofrinho da campanha, assim: se o Henfil aparecesse para conversar com os fregueses, toda a renda da noiteada seria do petista. E lá se foi o Henfil. No meio da noite, um dos presentes (mistério total até hoje: ninguém sabe quem era a pessoa) pôe um papel na mão de Henfil e desaparece de suas vistas. Henfil dá uma lida no texto e fica muito emocionado. É *le* o belo poema — este com as grauninhas — em voz alta para todo mundo. Momento mágico, como todos os vividos pelo meu grande amigo assassinado pelo Estado, que dá cobertura a traficantes de sangue humano, vendido — envenenado — a preço de cocaína. Mataram um grande homem. Perdi um pai, um filho, um irmão. Mas valeu a intenção da semente: o que importa é que as idéias sigam o seu curso. Viva Henfil!

Conta no teu jardim flores e frutos
mas não contes as folhas que tombaram.
Conta os teus dias pelas horas de ouro,
não pelas que falharam.
Pelas estrelas conta a noite. E a vida,
pelos triunfos, não pelos perigos.
Não contes tua idade pelos anos,
mas sim pelos amigos.

Tradução do inglês por D. Marcos Barbosa, OBR



— É DIVINO.



*– É por isso que este país
não vai prá frente.*



*– É por isso que este país
não vai prá frente.*

Pela porta verde

Um conto de Roberto Drumond

O que me espanta é a sua cara de anjo. Por Deus que é isso que me espanta. Agora me fala: qual é a sua idade?

— 29 anos.

— Não parece. Juro que não parece. E olhando para essa sua cara de anjo ninguém ia imaginar o que você fez. Por Deus que ninguém ia imaginar. Mas e a data do seu nascimento?

— 7 de outubro de 1942.

— Ah, então você é de Libra?

— Sou.

— É um bom signo. Uma pessoa de Libra não era para se meter em encrencas como você se meteu. Juro que não era. Onde você nasceu?

— Em Lavras, Minas Gerais.

— Não brinca, você é de Lavras?

— Sou.

— Eu nunca vou me esquecer de um licor de jabuticaba que eu tomei em Lavras. Sabe aquela pracinha de Lavras?

— Qual delas?

— Uma perto de um posto de gasolina da Esso, sabe qual?

— Sei.

— Pois na pracinha, ao lado do posto da gasolina da Esso, tinha um bar chamado: como é mesmo o nome do bar?

— Bar do Juca.

— Isso mesmo: Bar do Juca. Eu estava indo para São Paulo e resolvi parar em Lavras porque me disseram que lá tinha um biscoito feito com leite que derrete na boca. Já comeu dele?

— Já.

— Então eu parei no posto da Esso perto da pracinha para pôr gasolina no meu carro e falaram que no Bar do Juca tinha do tal biscoito. E eu fui lá e comprei três pacotes e então o dono do bar, o Seu Juca, não é Seu Juca o nome dele?

— Não. É Hilário.

— Hilário? Mas ele não é o dono do Bar do Juca?

— É.

— Então ele tinha que se chamar Juca.

— Mas o nome dele é Hilário.

— Não faz mal. Aí o Hilário disse: — Não quer provar um licorzinho de jabuticaba? Eu provei: era divino. Lembro que o Hilário falou comigo numa voz baixa, suave. Você não parece mesmo ser de Lavras. Juro que não parece. Os homens de Lavras falavam baixo como sacristães. O que me espanta é que um homem do signo de Libra, e ainda mais nascido em Lavras, tenha feito o que você fez. Por Deus que é isso que me espanta. Ia me esquecendo: qual o nome dos seus pais?

— Maria Leopoldina Belisário e Murilo Antunes Belisário.

— Estão vivos?

— Meu pai, não.

— Morreu de quê?

— Enfarte.

— A saúde de sua mãe é boa?

— É.

— Então ela pode saber de tudo?

- Pode.
- Não há nenhum risco?
- Nenhum.
- Qual o endereço dela em Lavras?
- Rua Benedito Valadares, 466.
- E o CEP?
- 16.000.
- Eu mesmo vou escrever para sua mãe contando tudo.
- Está bem.
- Não quer mandar nenhum recado para sua mãe?
- Não.
- Nem justificar o que você fez?
- Não.
- Você é o filho mais velho?
- Não. O terceiro.
- Quantos irmãos?
- Oito.
- Todos vivos?
- Todos.
- Então você vai ser o primeiro a morrer?
- É.
- Você tem CPF?
- Tenho.
- Qual é o número?
- 0788222986.
- E a Carteira de Identidade, você tem?
- Perdi.
- Perdeu onde?
- Aqui na prisão.
- Qual é o tipo do seu sangue?
- Não sei.
- Você tem preferência por algum perfume?
- Não.
- Quando eu estava em Lavras fazia calor, mas soprava uma brisa e quando a brisa soprava, eu sentia cheiro de jasmim. Você devia carregar Lavras no coração. Por Deus que você devia. Mas me diga uma coisa: você faz regime para emagrecer?
- Não.
- Qual o seu prato preferido?
- Frango ao molho pardo.
- Não quer comer um antes?
- Não.
- Por quê?
- Porque não.
- Se quiser, eu providencio. Aqui perto tem um restaurante muito bom.
- Não.
- Você se arrepende do que fez?
- Não.
- Faria tudo outra vez?
- Faria.
- Tudo mesmo?
- Tudo.
- Mataria de novo a velhinha na porta do banco?
- Eu não matei a velhinha.
- Você confessa que é materialista ateu?
- Não.
- Você reza?

“

Um homem de Lavras nunca devia amar a mulher do próximo. Os homens de Lavras têm coração doce.

”

- Às vezes.
- Às vezes como?
- Andando de avião eu rezo.
- E quando mais?
- Quando o Botafogo joga.
- Você não quer rezar antes?
- Não.
- Nem uma Ave-Maria?
- Não.
- Não quer falar com um padre?
- Não.
- Um homem de Lavras devia rezar mais vezes. Juro que um homem de Lavras devia rezar mais. Por Deus que devia. Você não parece ser de Lavras. Eu já disse e repito. Você sabe que vai morrer?
- Sei.
- E não quer dizer qual é seu último desejo?
- Não.
- Você não gostaria de beber um licor de jabuticaba de Lavras antes de morrer?
- Não.
- Eu posso providenciar. Eu tenho uma garrafa em casa.
- Não.
- Você fuma?
- Não.
- Incomoda se eu fumar?
- Não.
- Você teve algum amor na vida?
- Tive.
- Ainda tem?
- Tenho.
- É sua mulher?
- Não.
- É mulher de outro?
- É.
- Um homem de Lavras nunca devia amar a mulher do próximo. Os homens de Lavras têm coração doce.

Eu fiquei cinco horas em Lavras e não vi um homem que levantasse a voz ou gritasse, como ontem você gritou.

— Você gostaria de mandar alguma mensagem para a mulher que você ama?

- Não.
- Nem um bilhete?
- Não.
- Eu poderia entregar em mãos para você. Sem provocar suspeitas do marido.
- Não.
- Qual é o seu tipo de mulher?
- Loura.
- E a mulher que você ama é loura?
- Não. É morena.
- Mas é uma incoerência, não acha?
- Não.
- Você já amou alguma loura?
- Não.
- Você não quer ficar com uma loura antes de morrer?
- Não.
- Eu posso providenciar. Posso telefonar e conseguir uma loura. Não quer?
- Não.
- Você sabe que pode escolher como vai morrer?
- Sei.
- Sabe que é totalmente livre para escolher como vai morrer?
- Sei.
- Sabe que respeitaremos a sua escolha?
- Sei.
- E você já escolheu como vai morrer?
- Ainda não.
- Aceita uma sugestão?
- Depende.
- Você foge. Entendeu?
- Não.
- Você foge da prisão. Está vendo aquela porta verde?
- Estou.
- Ela dá para a rua. Você abre a porta verde e foge. Quando você abrir a porta verde, soa a campainha de alarme. E os meus homens sairão atrás de você e resolverão tudo da melhor maneira. Você se incomoda se os cães também o perseguirem?
- Não.
- Você não quer mesmo fazer nada em especial antes de morrer?
- Não.
- Você jura que sua mãe não sofre de coração?
- Juro.
- Posso ficar tranqüilo que ela não vai morrer ao saber da notícia?
- Pode.
- Então pode ir.
- Está bem.
- Pela porta verde.
- Está bem.

SOU DE LAVRAS, *Paulo J.*

Domingo, 11 de setembro de 1988

Painel do Leitor

Vinho por água



“Há doze anos que não bebo. Depois de frequentes hospitalizações por alcoolismo, a 11 de setembro de 1976 mudei do vinho para a água. Percalços da condição humana, oscilando entre fragilidades e fortalezas. Posso garantir: há uma saída. Sou prova viva disso. Optei pela vida por inteiro, deixando de ser um morto incompleto. Eliminei dentro de mim a vontade da coisa. Sem isso, nada feito. Não há força de vontade que —sozinha— possa vencer o problema. Como chegar à libertação? É só querer, querer muito.”

Carlito Maia (São Paulo, SP)

a gazeta esportiva

CADERNO PROPAGANDA
& MARKETING

São Paulo, 11-9-1988

Carlitas

Carlito Maia

QUE FAÇA TUDO PARA MUDAR DE IDÉIA QUEM ACHA QUE NADA PODE FAZER.

Cartas ao Leitor



Foto da querida Mariela Colucci

Companheiros: o álcool odeia o bêbado e quer ver a sua caveira. Não a minha. Ouvi Artaud: "Parto em busca do impossível, vamos ver se o encontro". E o nosso Catulo: "Não, seu moço: era impossível, mas então se era impossível, era esse o meu devê". Uma vida não é nada, com coragem pode ser muito. E livrei-me do álcool faz doze anos hoje. Nunca mais um gole na goela, nem bombom com licor. Sou alcoólatra, não posso beber.

11 de setembro, que dia! Em 1965 nasceu Luciana, minha filha n.º 4, completando 23 anos hoje. Também teve a estréia de "Morte e Vida Severina" no Tuca. Vi a peça uma dúzia de vezes e colaborei para que fosse exibida pela Globo, em primoroso trabalho de Walter Avancini e seus companheiros. Nos oito anos da Lu, em 73, dois dramas: Pinochet golpeou o Chile pelas costas, que hoje chora 15 anos de ditadura brutal, e eu fui internado na Psiquiatria das Clínicas, morto e louco, caso perdido. Não era. A doida da Globo! Sou-lhe eternamente grato. "Se minha sorte acaba, estou perdido", lembrou Brecht. Caluda, Carlito!

Um ano e meio a seco, até ir a Portugal em 1975, no auge da bela Revolução dos Cravos, explosão libertária na casa dos nossos avós. Na volta, o choque térmico: mudei do calor da liberdade lusa para a gelada da ditadura militar brasileira. Voltei a entornar e a ser internado outras vezes, foram 18 hospitalizações no total, por alcoolismo e química geral. "Se a árvore da vida quiser alcançar o céu, suas raízes precisam se aprofundar até o inferno", Nietzsche. E eu assino embaixo.

Decidi-me no 11.º aniversário de Luciana e escrevi a dez amigos: "Não bebo mais. Nunca mais. (a) Carlito, 11/9/76". E venho cumprindo a palavra. Agradeço, em especial, à Maria Helena, ao Magaldi e ao dr. Sérgio Rigonatti, psiquiatra do HC, santíssima trindade. E aos filhos e amigos. Porque deixei de ser rato para ser homem de novo. Porque eliminei dentro de mim a vontade da coisa. É o único jeito. Como se consegue? "Caminiante: no hay camino. Se hace camino al andar". Beijos, Lu querida!

Carlito Maia



O vento paulista.
17.9.88

NÃO VIM AO MUNDO
PARA ME RESIGNAR.

(MÁXIMO GORKI)

Cartas ao Leitor



Tetê Ricou, a palhaça.

Companheiros: minha caçula — Mariana, 20 anos — é da pá virada. E na área das emoções fortes brinca nas onze: começou com ginástica olímpica, passou pelos saltos ornamentais, deu uma de pára-quedista e é trapezista. Vive há algum tempo em Portugal, colônia brasileira recém-inventada pela "Nova República". Ela mora em Lisboa, onde frequenta o Espaço de Animação Circense, obra notável da palhaça (de verdade) Teresa Ricou, a querida Tetê. Filha de um velho "clown" e equilibrista, tinha por quem puxar. Mesmo caso do Álvaro, filho do Magaldi, hoje um "chef-de-cuisine" de mão cheia. Mariana iniciou carreira no Circo-Escola Picadeiro, ali na Cidade Jardim. Linda e corajosa, feminina e vigorosa, parece um anjo flutuando no espaço quando salta. Tenho muita saudade e perigo eu ir passar o Natal com ela.

Teve, porém, sua fase de pára-quedismo, como falei. Saltou e ficou fascinada pelo "silêncio absoluto" que reina na queda. Um dia me disse: "Domingo salto de novo, pai". Eu nem sabia o que dizer: "Se fosse pra cima até eu saltava, mas, pra baixo...". Qual, ela queria porque queria.

Contudo, Deus é grande (ou talvez maior ainda) e me fez ouvir a Rita Lee em seu programa de rádio, justo quando lia "graffiti epistolar" enviado por jovem ouvinte: "Merda cagada não volta ao cú", o que me tocou por todas as razões e cheiros. Dei a dica a Mariana: "Saltou, não tem volta, fica na mão de Deus". Concordou, afinal. A tragédia é que a colega que saltou morreu, o pára-quedas não abriu (deu no "Fantástico").

Nem todos ouviram a Rita, que lástima. Infelizmente, a força do rádio — tão desprezada por quem o faz — dera para salvar apenas Mariana.

Semana passada, também a Rita Lee foi para Portugal, o Brasil já não dá pé. Vão trocar figurinhas lá, salvadora e salvada. Tomara falem do rádio, essa maravilha que nem sempre toca maravilhas. Especialmente as FM quase todas uma droga. Tinha a Gazeta FM que pintou como esperança de rádio inteligente mas nem discos tem, assim não há como fazer rádio, FM ou AM.

Voltarei a falar disso oportunamente.
Tchau, gente.

Carlito Maia

Cartas ao Leitor

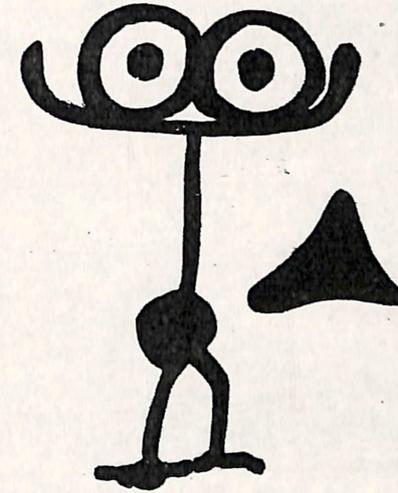
Companheiros;
Fazer amigos é fácil, difícil é a gente se livrar de alguns. Quem sobra fica sendo amigo até o fim da vida. O amigo que é uma praia: as ondas vão, as ondas vêm — e ele sempre lá. O amigo que a gente escolhe, não o que quer se impor como tal. Não há faz-de-conta nisso. Ou se é ou nada feito. Que coisa mais bonita é a amizade! Sou rico, riquíssimo de maravilhosos amigos, daqueles que nadam numa direção no mar da vida, não quem fica boiando ao sabor das ondas. Não tenho amigos mortos, dispense-os assim que percebo. Falo de gente como Henfil, Glênio Peres, Hélio Pellegrino, três gigantes que não estão mais. Alguns dos grandes amigos que perdi de um ano até aqui.

O Henfil era humorista, sujeito de-

licadamente desesperado. O Henfil, tão importante para mim quanto para Maurício, meu filho, seu fiel seguidor. O Glênio Peres era de uma raça especial: nobre, digno, brioso, lutador. Grande alma de poeta, Glênio, the great! E sempre tão alegre. Aprendi com Marco Aurélio: "Entre seres humanos de marcante personalidade, apesar de distantes um do outro, existe um certo vínculo, como entre as estrelas no céu". Pellegrino era das Gerais, como Henfil e eu. Glênio era gaúcho de Lavras do Sul e vice-prefeito de Porto Alegre, cidade que tanto amou. O Hélio era psicanalista, desses caras que mergulham nas profundas da gente e trazem de lá a bússola da vida. Não, nunca estive num divã de analista, meu caso é mais simples, é só de psiquiatria. O Hélio sabia das

coisas, da grandeza e da miséria da condição humana. Ficou do lado certo: com o explorado, contra o explorador, a eterna luta. Glênio morreu de câncer, Hélio de infarto. O Henfil teve a gentileza de me avisar: "Você está assistindo à derrota de um lutador". Natal de 86, Clínica Bambina, Rio. Foi quando perdi a esperança: ele admitia a derrota. Contudo, resistiu bravamente mais um ano, o meu herói. E estava vivo ainda no Natal de 87. Mas a morte é ladra, a morte é má: rouba-nos o que temos de mais valioso — amigos. Tem nada não: como dizia Guimarães Rosa, amigo não morre, amigo fica encantado.

Carlito Maia

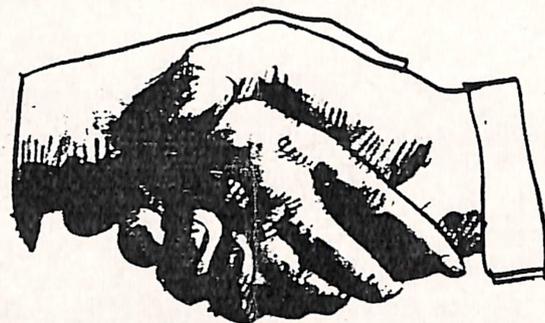


Carlito Maia

Carlitadas

O CÃO ESTÁ CHEIO DE SER O MELHOR AMIGO DO HOMEM.

CADERNO PROPAGANDA & MARKETING

Cartas ao Leitor

Companheiros: fazer bem a um amigo é mais gostoso do que fazer mal a um inimigo. Mesmo recordando coisas amargas, inevitavelmente, hoje falarei de duas doces figuras: Samuel Jorge de Mello, o Samuca da S. J. de Mello e Fernando Barbosa Lima da Esquire. A eles devo a dívida que não se pode pagar, a da gratidão.

Trabalhei com ambos em épocas dificílimas da minha vida e da vida do Brasil sob os malefícios da Inventona de 1.º de abril. Longa noite em que eu tentava afogar ódio e desprezo no álcool. Porém, havia cinco filhos na parada e "the show must go on". Trabalhava na S. J. de Mello quando minha mãe foi atropelada na rua e morreu após longo sofrimento. Depois de selvagememente torturada, minha irmã mais moça estava presa à disposição do Exército mas queríamos que pudesse ver a mãe pela última vez. Era exigível "autorização do alto-comando", claro. Com medo que eu perdesse a cabeça, o Samuca foi comigo à casa do general, na rua Groenlândia, mas não fomos recebidos. Depois, ao Ibirapuera, no QG do II Exército, onde o que ouvimos foi um

"nem pensar". Mas como me fez bem a companhia do Samuel naquela hora dura. Anjo da guarda do bom.

Com o Fernando foi depois. Houve aquela história do Simonal, entrei de novo em parafuso. E trabalhava (?) então na Esquire, no seu lindo escritório da Martins Fontes. Tempo de cara cheia dia e noite: bebia paca e dormia tatu, farrapo humano. E o Fernando indo e vindo do Rio só para me dar cobertura. E ainda me pagava o salário, com aquela cara limpa, aquele ar de príncipe.

Puxa vida, como eu gosto desses dois! Devo-lhes muito (não só pelo que acabo de contar) e não tenho senão miseras palavras para tentar o resgate impossível. Pois que aceitem esta declaração de amor que ora lhes faço de público. (Sim, há outros grandes amigos, claro, o que não há é espaço). Sempre dependi da bondade alheia e teria de escrever um livro — uma coleção deles! — exclusivamente para falar bem dos meus Amigos, a quem peço perdão pelo inescapável travo de amargura nestas linhas.

Carlito Maia

Carlitadas

— Carlito Maia —

BRASILEIRAS E BRASILEIROS: ISTO É UM ASSALTO!

Cartas ao Leitor

Companheiros: não é nada não é nada não é nada mesmo, diz fortuna, hum'brista dos grandes. O cruzado não vale uma titica para os pobres diabos. Para os pobres de ricos ele vale, vale muito. Só que muda de nome e de endereço: vira dólar e vai morar na Suíça, a caverna que Ali Babá mantém nos Alpes. Deu nisso: Suicídio. O Brasil é uma mistura de Suíça das contas numeradas com Índia das turbas esfaimadas. Em 2000 o país vai fazer 500 anos. Quanto à nação, são outros 500.

Tempo é dinheiro mas não se deve perder um para ganhar outro. Dinheiro perdido é recuperável, tempo não. Enquanto fazemos planos a vida escorre como areia fina por entre os dedos da mão. Dinheiro é bom (mas não muito). Tim Maia é pelo fim do dinheiro mas quer ter sempre algum — antes que acabe. O primo rico (e gordo) tem razão. Vim ao mundo a passeio, não em viagem de negócios. Fiscal da natureza dispensa nomeação dos "hómi" mas não pode viver só da caça e da pesca, tem de enfrentar um batente.

Importante é transformar o trabalho em divertido jogo. Quem sabe fazer isso se diverte e praticamente ganha sem trabalhar. Brincadeira — tem hora. Mais vale pão sem manteiga do que bolo sem liberdade. Que, aliás, não existe (sou livre e sei disso). Todo homem é uma ilha cercada de prisões por todos os lados. Ninguém escapa. Mas até que uma certa independência se pode alcançar, desde que se lute por ela.



Você não pode evitar que as aves da tristeza sobrevoem sua cabeça mas tem de impedir que elas façam ninhos em seus cabelos. Está no livro de Tao. A ordem é não fundir a mufla por causa de l'argent. Isso nos faz escravos dele e é mau. O dinheiro precisa de mim. Para ganhá-lo, faço até o que não gosto mas o que eu não quero — não faço. Sempre foi assim comigo: faço tudo o que você quiser — se eu quiser. Vivo livre e solitário, como uma árvore; porém — solidário — como uma floresta. Sonhar não é proibido (ainda) e faz um bem danado. Ando numa boa que vou te contar. A vida é bela e merece ser vivida. Com dignidade. Boa viagem.

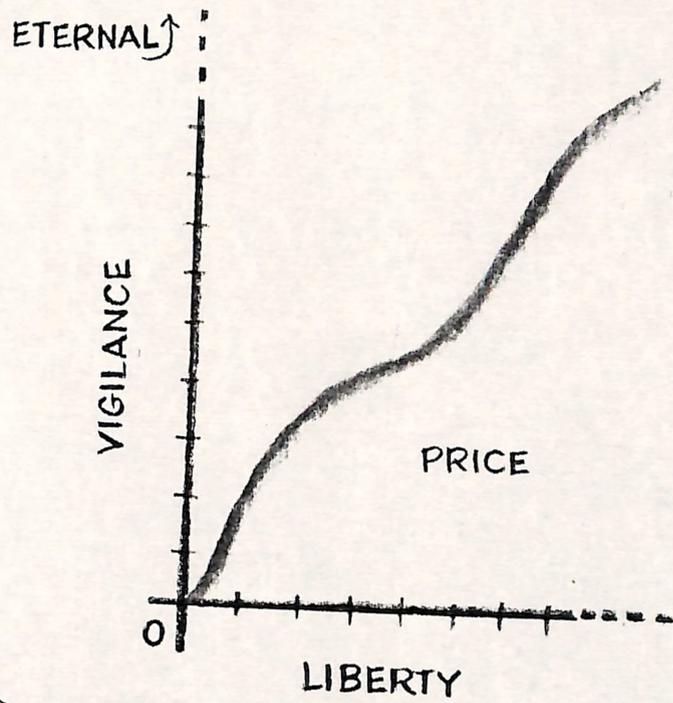
Carlito Maia

Carlitadas

Carlito Maia

BRASIL: GRANDE QUEIMA DE FIM DE SÉCULO!

JOHN PHILPOT CURRAN
TRANSLATED FOR THE EIGHTIES



*Ed
Filla*

FOLHA DE S. PAULO

Segunda-feira, 26 de setembro de 1988

Painel do Leitor

Comentários encantadores

“Muito me alegra e encanta os comentários tecidos pelo sr. Carlito Maia nesta coluna. Ele é simplesmente brilhante em suas ponderações. Por que a Folha não o inclui entre seus articulistas diários? Tenho certeza que teríamos com que nos alegrar e meditar.”

Carlos B. Langrafe (Ribeirão Pires, SP)

**Chocolate é
uma coisa que
a gente aprende
na infância
e nunca mais
esquece.**

Carlos Drummond de Andrade

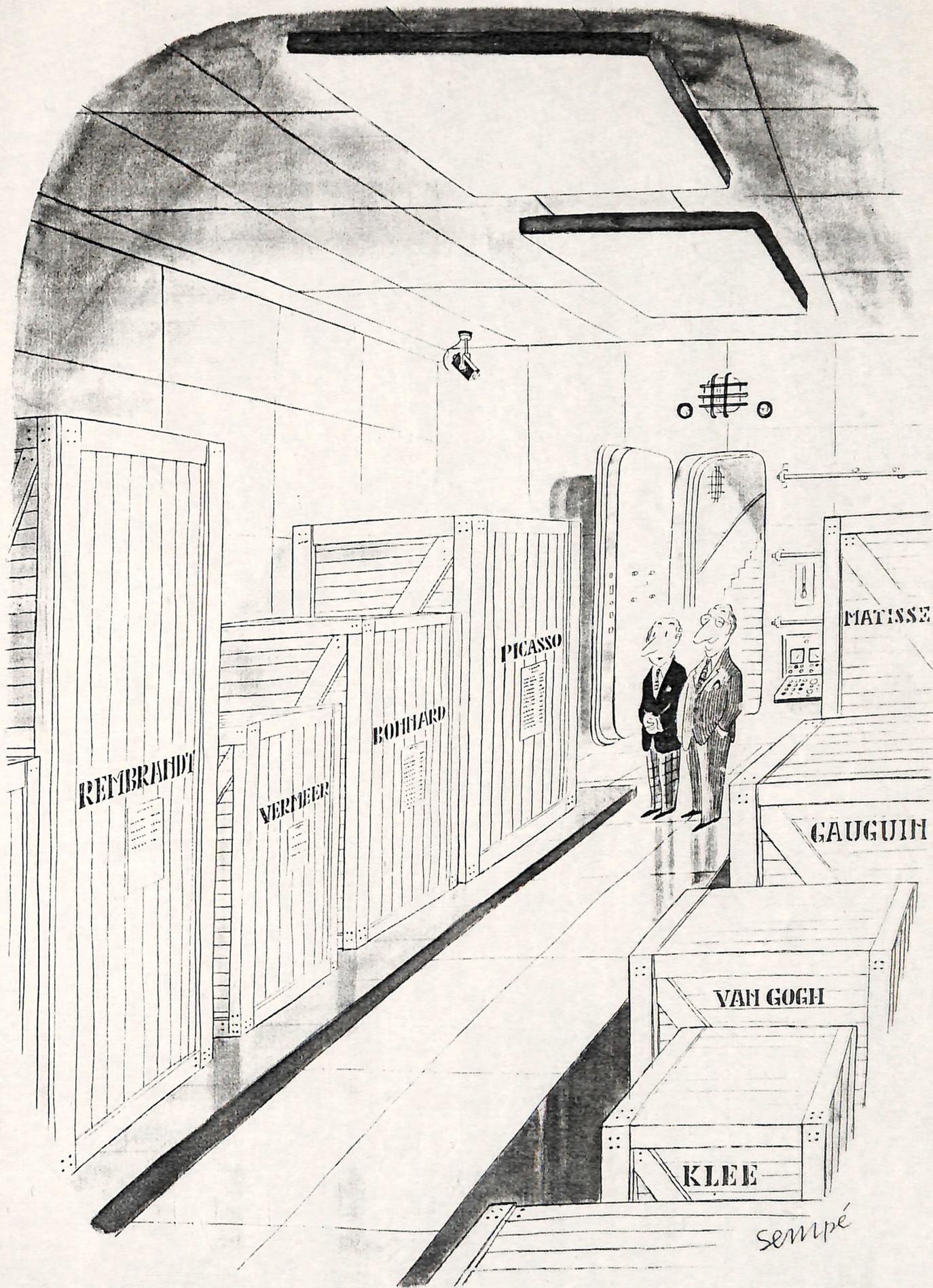
30 DE SETEMBRO, DIA DA SECRETÁRIA

Agora você já sabe qual é o
presente para essa doce
figura, não sabe?

Finíssimos bombons
e chocolates caseiros
de produção limitada.

Faça logo sua encomenda
para o Dia da Secretária:
240-1881, MARIA HELENA.

ÚLTIMO AVISO



"I had no idea you were so passionate about art."

EDITORA ATLÂNTICA

DIRETORES

Joyce Pascowitch
José Pascowitch

A-Z

DIRETORA DE REDAÇÃO

Joyce Pascowitch

EDITOR

Nelson Pujol Yamamoto

EDITOR DE ESTILO

Antonio Bivar

EDITOR CONTRIBUINTE

Tão Gomes Pinto

PROJETO GRÁFICO

Guto Lacaz
Carlos Baptista

ARTE

Diretor: Carlos Baptista
Assistentes: Ubirajara Correia
Karina Coraini

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO:

Cida de Assis
Assistente: Neuza Paranhos

COLABORADORES

Aguinaldo Ribeiro da Cunha, Alexandre Machado, Andréa Fomes, Ângela Pimenta, Anita Naidi, Augusto Nunes, Aurora Jordani, Barbara Garcia, Caio Fernando Abreu, Carlos Lombardi, Carlos Pazetto, Eugênio Buccì, Flávia Laler, Fred Botelho, Gilberto de Thormes, Inácio Araújo, João Pedrosa, João Silvério Trevisan, Luiz Beltrão, Lena Cardoso, Lilian Pacca, Liza Polloni, Luis Antonio Giron, Luiz Roberto Benali, Luiz Nazário, Mauro Rasi, Marcos Augusto Gonçalves, Matinas Suzuki Jr., Marcelo Cipis, Marcelo Rubens Paiva, Márcia Marcondes, Mário Mendes, Mathilda Kovák, Mirian Scavone, Mônica Figueiredo, Nelson Ascher, Nirlando Beltrão, Nunzio Briguglio, Patrício Bisso, Pedro Tornaghi, Fernando Moraes, Rubens Ewald Filho, Ruy Castro, Rui Moreira Leite, Solange Nortmann.

CORRESPONDENTES

Tóquio: Marilda Yuyama
Nova York: José Nogueira

FOTÓGRAFOS

Arnaldo Pappalardo, Bob Wolfenson, David Drew Zingg, Ella Durat, Fernando Louza, Fifi Tong, Flávio Colker, Isabel Garcia, J.R. Duran, Jorge Rosenberg, Lia Costa Carvalho, Linda Conde, Luis Crispino, Marcia May, Maria Elisa, Marisa Bicelli, Miro, Mujica, Paulo Fridman, Paulo Vainer, Rui Mendes, Vania Toledo, Ugo Romiti.

PUBLICIDADE

Gerente: Leonor de J. Oliveira Dória
Contatos: Ruth Nór
Patricia Masetti
Estela B. Bueno
Gina V. H. Ferraz
Léa Gruman
Tel.: 814-6677
Telex: (011) 21809 JOBL

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: F.A. Representações
(021) 274-9633
294-7695

Belo Horizonte: Weber Batista de Oliveira

(031) 344-3917
Curitiba: Intermix: (041) 233-6971
Telex: (041) 416818

DEPTO. FINANCEIRO

Gerente: Luiza Sumié Ono
Líandro Silva Machado

ASSINATURAS

Luiz Carlos dos Santos
Tel.: 814-6677

SERVIÇOS GRÁFICOS

Impressão: Padilla
Fotolito: Log Studio - Dinâmica
Fotocomposição: Lídio Ferreira Junior

A Editora Atlântica tem sede à rua Desembargador Joaquim Celidônio, 50, 2º andar, CEP 01443. Tel. 814-6677 (TRONCOCHAVE). Telex: (011) 21809 JOBL

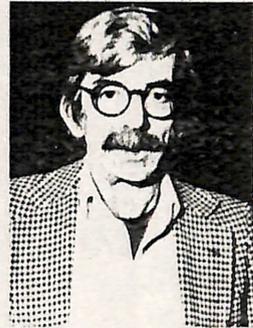
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Cida de Assis

As matérias assinadas aqui publicadas são de total responsabilidade do autor, não expressando necessariamente a opinião da revista.

ABECEDÁRIO

Primeiro, ele batizou A-Z. Agora o publicitário e filósofo popular **Carlito Maia** tira todas as letras da manga e compõe seu glossário com a devida liberdade de concepção.



A Ilha da Solidão é cercada de mágoa por todos os lados. Eros aniquilado, Thanatos reina sobre o Nada.

Brasília, urgente: queremos eleger um verdadeiro Presidente!

Chaplin, há 10 anos, e o Chê, há 20: santos se transformam em religião.

"Deus seja louvado" (está escrito nas notas de quinhentos). Pois Ihes cairia melhor um "Deus nos perdoe".

Evite acidentes: faça tudo de propósito.

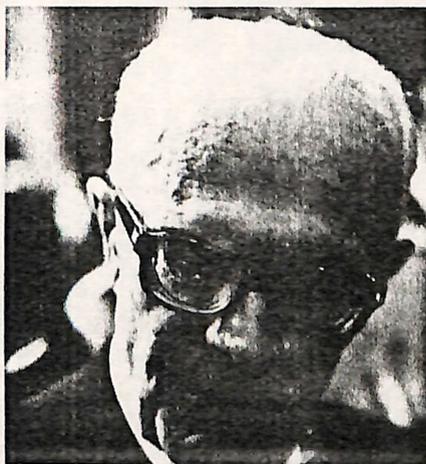
Faço até o que não gosto, mas o que eu não quero eu não faço.

Gravata: deixei de usar porque sentia um nó na garganta.

Homem está em falta. Machão tem a dar com pau.

Itália: a democracia melhor do mundo! (Amo Pertini.)

Justiça será feita quando o justicado puder dizer como deve ser feita a justiça.



Pertini: à frente da maior democracia.

Karl Marx combatia o capital; Lafargue, seu genro, era contra o trabalho. Família ideal, gente do baralho.

Liberdade sexual é foda.

Meta o pau na camisinha. Faça como a galinha: cuide bem do seu pintinho.

Não leve a mal: vim ao mundo a passeio, não em viagem de negócios.

Olivia, amostra grátis do céu, Musa do Terceiro Milênio. Eu te adora, neta primeira e única!

PT: estrela vermelha, astral azul. A luz no fim do túnel. Puta Tesão.

Quando me fecham as saídas, escapulo pelas entradas.

Rio de Vaneio: é alto demais o preço do mar e da montanha.

Suicíndia é um país que convive com o nosso: mistura de Suíça das contas numeradas e Índia das turbas esfaimadas.

Também, pudera, nasci em Minas Gerais! (Mineiro não fica doido, piora.)

Uma vida não é nada; com coragem, pode ser muito.

Vivo livre e solitário, qual uma árvore. Porém, solidário como uma floresta.

Wallinho Simonsen: rico, mas não rico só de dinheiro.

Xerox da "Redentora", a "Nova República" nada tem de original. Apenas o Ulysses, era só o que faltava.

Yestergay's: que tal este nome para um bar de bichas históricas?

Zás-trás: acabou-se o que era doce. FMI.

Carlito Maia

Se eu fosse Deus e quisesse provar minha nacionalidade brasileira, decretava a existência obrigatória de um Carlito Maia para cada pedaço deste imenso país. Seriam 26, considerando-se 23 estados e três territórios.

Posso garantir a vocês, prováveis leitores, que o trem do Brasil andaria nos trilhos ou, pelo menos, a eles rapidamente voltaria, se deles se afastasse, ameaçando descarrilhar. Porque se um Carlito Maia incomoda muita gente, 26 incomodariam muito mais!

Sou paulista da Capital e moro no Rio há quase 18 anos! Amo esta cidade que elegi para minha vida e para o meu trabalho. E aqui também nasceram minha filha Júlia e minhas duas netas. E uma cidade com defeitos, como todas, mas ainda assim consegue ser uma linda cidade. Existe porém uma lacuna imperdoável: a ausência do Carlito Maia, já que a existência de um outro Carlito que não fosse o próprio (ainda que fosse o Carlitos, do Chaplin), não preencheria o vazio. O mais generoso, portanto, o mais correto gesto de um deus verdadeiramente brasileiro, seria plantar a semente de um Carlito Maia em cada rincão da nossa pátria. Fico imaginando, por exemplo, um Carlito em Mato Grosso do Sul, para desespero do governador Marcelo Miranda. E em Minas, como se comportaria o Newton Cardoso se tivesse um Carlito Maia em seus calcanhares? E em Goiás, antes, durante e após o Chernobil caboclo? Pois é. O país ia ter mais sabor - um sabor de pimenta - e ia ser mais fácil tocar esta vida. Mas certamente seria em Brasília, neste momento dos trabalhos da Constituinte, que um Carlito Maia seria inevitavelmente implacável! Ah, que forra tiraríamos todos! Mas ao mesmo tempo, um único Carlito - se prova a avareza divina, prova também que são raras as criaturas fulgurantes. E se é uma pena para o país, para os amigos é uma distinção que dá orgulho, que envaidece. E como os meios de comunicação são ágeis e eficientes, temos certeza de que o Carlito Maia acaba chegando a todos os lugares.

Esta semana recebi o jornal *Pícaro*, editado em Mogi das Cruzes (SP), que traz uma entrevista com Carlito Maia. Leiam comigo alguns fragmentos dessa matéria:

"Se eu fosse egoísta, diria que sou um homem feliz, pois sou feliz pessoalmente. Minha ex-mulher, uma criatura fantástica, é a mãe dos cinco filhos. Hoje, vivo com Tereza. Tem a metade da minha idade, mas nos damos tão bem como se fôssemos iguais. Minha vida particular é muito boa. Moro perto de onde trabalho, vou e volto a pé. Não tenho carro, casa, apartamento, relógio, anel. Não tenho nada material, abri mão de tudo e vivo sem medo nenhum, porque nada tenho a perder. Não me sinto preso a ninguém, nem a nada. Vivo livre e solitário, qual uma árvore, porém solidário, como uma floresta."

"Eu quero ver o povo votando livremente. Então eu não aceito paternalismo nem tutelas de nin-

guém. Não aceito. E nada imponho no PT (Partido dos Trabalhadores), onde tem muito nego falando em socialismo-já, pura bobagem. Nem no capitalismo entramos ainda. Muito menos na democracia. O que temos agora é o capitalismo bárbaro, sucessor do selvagem. Aliás, o Brasil decolou da barbárie e pousou na decadência, sem ter feito escala na civilização."

• • •

"Sou três coisas ao mesmo tempo. Acima de tudo, um ser humano, como todo mundo. Depois, cidadão, cidadão de segunda categoria. Se fosse de primeira, poderia ajudar a dirigir os destinos do meu país, do meu povo. Votei em Lott contra Jânio em 1960. Depois, nunca mais. Agora temos aí a farsa chamada Nova República e temos lá um vice-rei, Sarney. Seria cômico se não fosse trágico. Finalmente, sou um homem de comunicação. Ah, outra coisa que sou, que todo mundo é, algo que não chamo de CCC por motivos óbvios, mas que são três "cês": Cidadão, Contribuinte, Consumidor. Como cidadão, sou logrado. Como contribuinte, sou extorquido. Como consumidor, sou roubado."

• • •

"Eu tinha ódio da ditadura militar. Agora tenho nojo da Nova República, um bordel moderno, é verdade, porém com as mesmas mulheres do antigo."

• • •

Gostar? Apenas um aperitivo para matar vocês de apetite. Ainda mais!

Carlito Maia tem múltiplos talentos, mas o maior deles é ser genial há pelo menos 27 anos, que é desde quando o conheço. Na revista paulista "A-Z" (ex-Arou), batizada com o novo nome pelo mesmo Carlito Maia, encontro mais algumas cintilações do seu espírito. Exemplo:

"Evite acidentes: faça tudo de propósito".

• • •

"Gravata: deixe de usar porque sentia um nó na garganta".

• • •

"Quando me fecham as saídas, escapulo pelas entradas".

• • •

"Suicídia é um país que convive com o nosso: mistura de Suíça, das contas numeradas, e Índia, das turbas esfaimadas".

• • •

Mais não escrevo porque mais espaço não tenho. E uma pena. Não sei por que um jornal do Rio não pede colaboração do Carlito Maia. Não sei por que um jornal de cada cidade do Brasil não tem Carlito entre seus colaboradores. O país ia ficar mais sério, mais inteligente e nós todos com mais Esperança.